



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CAMILA ZEDU ALLIPRANDINI

**A PSICOLOGIA E A EXPERIÊNCIA CLÍNICA DE
FICCIONALIZAÇÃO**

Londrina
2021

CAMILA ZEDU ALLIPRANDINI

**A PSICOLOGIA E A EXPERIÊNCIA CLÍNICA DE
FICCIONALIZAÇÃO**

Versão da Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito para defesa em nível de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Estadual de Londrina, na Linha Psicologia Social e Processos Institucionais.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alexandre Gomes Nalli

Londrina
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bib

Alliprandini, Camila Zedu.

A Psicologia e a Experiência Clínica de Ficcionalização / Camila Zedu
Alliprandini. - Londrina, 2021.
79 f.

Orientador: Marcos Alexandre Gomes Nalli.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina,
Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2021.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Tese. 2. Clínica - Tese. 3. Sintomatologia - Tese. 4. Ficção - Tese.
I. Gomes Nalli, Marcos Alexandre . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro
de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU 159.9

CAMILA ZEDU ALLIPRANDINI

**A PSICOLOGIA E A EXPERIÊNCIA CLÍNICA DE
FICCIONALIZAÇÃO**

Versão da Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito para defesa em nível de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Estadual de Londrina, na Linha Psicologia Social e Processos Institucionais.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alexandre Gomes
Nalli
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Paulo Roberto de Carvalho
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Artur Luis Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul -
UFRGS

Londrina, 19 de Fevereiro de 2021.

Entre tantas narrativas, dedico a todos aqueles que se arriscaram ao meu encontro como psicóloga.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UEL e ao mestrado em Psicologia pelas transformações produzidas.

Agradeço ao meu orientador Marcos Alexandre Gomes Nalli pela orientação neste trabalho e pelas discussões sobre a vida que em conjunto deram força para a escrita.

Aos professores Sonia Mansano, Paulo Carvalho e Flávia Carvalhaes, pelo apoio em parte de minha trajetória acadêmica e pelas provocações realizadas apenas por fazerem da própria existência uma experimentação do que as palavras tentam dizer. Professores Luis Artur Costa e Tania Mara Galli Fonseca, cujas reflexões em aula repercutem até hoje.

À Roberta, amor que transformou e transforma em toda sua intensidade possível, fazendo o impossível, real.

Aos amigos queridos com os quais foi possível criar momentos de risadas, cervejas e leveza entre a pesquisa e o trabalho. Em especial as minhas amigas Nathália, Paola, Leticia, Isabela e Julia, foi com elas que aprendi que poderia ser quem estou sendo.

Ao Rodrigo, mansidão que acompanhou nesses últimos suspiros de pesquisa.

Aos colegas de mestrado, e em especial a Aline, que são companheiros(as) presenciais e onlines durante todo processo.

À minha mãe Paula Mariza, que surpreende com sua força de vida capaz de contagiar até os mais profundos desanimos.

Ao meu pai Luís Fernando, cuja a vontade de viver é um convite para as experimentações e para o pesquisar.

Às minhas queridas irmãs Marina e Marcela, olhareis companheiros nos momentos difíceis.

À minha vó Mariza, que corrigiu a versão entregue a banca.

ALLIPRANDINI, C. Z. **A Psicologia e a Experiência Clínica de Ficcionalização**. 2021. 77 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

RESUMO

O presente trabalho se integra à linha de pesquisa Psicologia Social e Processos Institucionais junto ao programa de Pós-Graduação em Psicologia. Trata-se de um estudo sobre a psicologia pretensiosamente científica e sua clínica. Essa psicologia, em conjunto com os saberes das ciências naturais, produziu um olhar clínico de autoridade sintomatológica sobre o corpo, as condutas e confissões humanas. O objetivo geral dessa pesquisa é problematizar essa visão histórica com a ideia da ficcionalização e sua estratégia de diagnóstico clínico da realidade. Para tentar atingir esse objetivo, buscamos apresentar uma história de como as psicologias atingiram seus objetivos de cientificização por meio de um modelo moderno de racionalidade científica; apresentamos uma discussão sobre como a produção científica da psicologia clínica se construiu por meio de um tipo de semiologia psicológica, produzindo um modelo sintomatológico sobre as condutas e confissões humanas; sugerimos no caminho das artes uma alternativa frente a esse movimento da autoridade semiológica da clínica psicológica, mais especificamente a ficção como possibilidade de ruptura epistêmica moderno-colonial. Com esse trabalho realizado em dois capítulos e quatro subseções, esperamos que possa contribuir com a elaboração coletiva de um processo de mudança do paradigma científico e político moderno-colonial, vigente ainda nos dias de hoje, para um processo de invenção de outras subjetivações políticas.

Palavras-chave: história; psicologia; sintomatologia; clínica; ficcionalização.

ALLIPRANDINI, C. Z. **Psychology and the Clinical Fiction Experience**. 2021. 77 p. Dissertation (Master's in Psychology) - Londrina State University, Londrina, 2021.

ABSTRACT

This work is part of the Social Psychology and Institutional Processes research line along with the Graduate Psychology Program. It is a study on the pretentiously scientific psychology and its clinic. This psychology, together with the knowledge of the natural sciences, has produced a clinical view of symptomatological authority over the body, human conduct and confessions. The general objective of this research is to problematize this historical view with the idea of fictionalization and its strategy of clinical diagnosis of reality. To try to reach this objective, we seek to present a history of how psychologies have reached their scientific objectives through a modern model of scientific rationality; we present a discussion on how the scientific production of clinical psychology was constructed through a type of psychological semiology, producing a symptomatological model on human behaviors and confessions; we suggest in the path of the arts an alternative to this movement of the semiological authority of the psychological clinic, more specifically fiction as a possibility of modern-colonial epistemic rupture. With this work carried out in two chapters and four subsections, we hope that it can contribute to the collective elaboration of a process of changing the modern-colonial scientific and political paradigm, still in force today, to a process of invention of other political subjectivities.

Keywords: history; psychology; symptomatology; clinical; fictionalization.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	DIAGNÓSTICO DO SINTOMA DA PSICOLOGIA DO SINTOMA DIAGNÓSTICO	13
2.1	UMA BREVE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA COMO CIENTÍFICA E EXPERIMENTAL.....	14
2.2	A CLÍNICA PSICOLÓGICA DA AUTORIDADE SINTOMATOLÓGICA	31
3	PSICOLOGIA ENTRE A CLÍNICA E A FICÇÃO	47
3.1	UM PULSAR QUE ESCAPA ÀS NORMAS PRESCRITAS DA CLÍNICA	48
3.2	A FICCIONALIZAÇÃO COMO UM MÉTODO CLÍNICO	61
4	CONCLUSÃO	71
	REFERÊNCIAS	75

1 INTRODUÇÃO

Mersault¹, um típico homem de seu tempo leva uma vida banal e indiferente, onde tudo ocorre à sua revelia. Não há menções a explicações religiosas, ideológicas, nem na fé, nem na ciência. Não encontra explicações, nem consolo. Ele não respondia o que esperavam que respondesse, sabia responder as perguntas sem grandes volteios. Apenas conversava e versava sobre si sem causalidades aparentes. Mas nós não acreditávamos em suas palavras, nós questionávamos e questionávamos pois não queríamos aceitar sua conversa.

Era inadmissível não termos respostas sobre suas confissões e suas condutas. Aberrávamos com suas ações que extrapolavam o normal e suas confissões corriqueiras perante atitudes inesperadas. Algum motivo, razão e explicação deveria haver, pois não era possível alguém livre de quaisquer suspeitas apresentar-nos com tanta frieza seu converseiro. Falava, falava e não falava nada. Devia estar deprimido e a culpa deveria ser da morte de sua mãe, ou seu relacionamento com o Sol que já não andava bem. Tentamos investigar, analisar, demos algumas respostas, até o psicologizamos. Nada adiantou, era um caso perdido até para a ciência. Pode ser o Sol que como obra de um movimento nos instigou em sua banalidade cotidiana sem causalidades aparentes. O Sol que queima a pele mesmo nos dias mais chuvosos esteve presente durante toda a graduação em psicologia. Foram cinco anos de manhãs e tardes de estudos, risadas, cochiladas, angústias, teorias e teorizações que “mais tarde”² compuseram as questões que agora encontram um destino na escrita. Estivemos imersos em três campos que nos produziram muitos tensionamentos. Em um primeiro momento no campo do departamento de psicologia geral e análise do comportamento como bolsista no projeto de pesquisa intitulado de “Discriminações Condicionais e Classes de Estímulos Equivalentes” e depois, no terceiro

¹ Mersault é um dos personagens da obra *O Estrangeiro* de Albert Camus (2006), assim como o Sol, que será citado nos parágrafos seguintes.

² Foi escolhido colocar em aspas pois está sendo usado como uma expressão, uma vez que durante a graduação nos chamávamos, entre nosso grupo, de amigos de “mais tarde”.

ano de graduação no campo do departamento de psicologia social e institucional e participação no centro acadêmico de psicologia.

Ao me graduar em psicologia, Porto Alegre pareceu um destino possível para um mestrado com o artigo *O destino não pode esperar: apontamentos sobre a inelutável improrrogabilidade* (Fonseca, 2017). Em meio aos outros cheiros, sabores, ventos e estações entre as janelas, a ficção foi apresentada como possibilidade de método na cadeira “O campo de batalha do Eu e do Nós”. O *não recebido* na entrevista do mestrado junto com o frio de julho se confundiram e o retorno ao Paraná nos lançou ao mundo das instituições como psicóloga.

Em tais instituições a exigência do trabalho realizado é que ele seja clínico, psicológico e individual. Diante do desafio de estar em meio aos anseios da clínica com critérios racionalistas e funcionalistas, estou imersa na multidão de abordagens possíveis com as psicologias e nas multiplicidades de narrativas que chegam até mim pela configuração clínica exigida pelas instituições que trabalhei e trabalho.

Os encontros programados semanalmente e as conversas em caráter de sigilo proporcionaram para nós alguns dizeres não programados. Os dizeres que se configuravam entre quatro paredes sigilosas, oras procuravam nomes, oras não queriam ser nomeados. Mas entre as paredes e sigilo, o “nós” produz abertura para as inquietações e perguntas.

Essa abertura possibilita a produção de diversos caminhos como, por exemplo, os discursos das ciências que produziram seus diagnósticos. Entretanto, tais discursos diagnósticos não foram suficientes para dar conta dos fenômenos dessa história que nos perturba.

Perguntas que rondavam os atendimentos psicológicos e mexeram com o corpo da psicóloga, vieram a tona por meio do exercício de escrita de um projeto de mestrado: “o que pode a clínica, não mais concebida sob os auspícios do fazer científico, mas agora da performance, do fazer artístico?”, “O que pode uma psicologia que se avizinha alegremente do jeito de ser e de se fazer arte?”.

Parecia fácil tentar criar respostas para tais perguntas em um mestrado e trabalhar. A pandemia do Covid-19 em meio ao mestrado fez tudo parecer mais difícil. A lógica produtivista que se intensificou no trabalho, onde 10 atendimentos por dia é algo colocado como necessário, mexeu com o corpo da psicóloga e pesquisadora que se encontrava já no segundo ano de mestrado.

O problema dessa pesquisa aparece aí, em meio a todos esses encontros estranhos, meio estrangeiros³ com os vários Mersaults, as psicologias, as ciências e acontecimentos⁴. Os personagens — psicóloga e aqueles que a procuram — tem a palavra, a voz, a expressividade como modos comunicativos que entram na cena da clínica operando narrativas que realizam “a criação do mundo voltando-se contra tudo aquilo que quer dá-lo como explicado e transparente” (Fonseca, 2012, p. 25).

Nos séculos XIX e XX, algumas psicologias, na ânsia de se fazerem ciência, acolheram metodologias afeitas ao campo da racionalidade calcada na ideia de adaptação, mensuração, das leis gerais e do equilíbrio, como modo de produção de uma verdade sobre o humano. E desse modo, o olhar clínico instituído na psicologia, atravessado pela análise e diagnóstico do olhar da medicina orgânica e métodos educacionais de terapia, permeia os dias atuais dos psicólogos em suas atuações.

Quando nos colocamos como psicólogos, a coexistência não é pacífica. Uma vez que as psicologias divergem em suas epistemologias, teorias e métodos. Entretanto, há um pacto de coexistência entre os psicólogos como Canguilhem (1973) aponta. Assim, mesmo com

³ Kristeva (1994) faz um paralelo entre a obra de Camus e o sintoma questionando o que seria o estrangeiro. Diante da sua afirmação que “o estrangeiro é o sintoma!”, a pesquisa produziu sua problematização sobre o discurso diagnóstico sintomatológico nas psicologias. Contudo, pontua-se que a discussão sobre o estrangeiro não caberia na pesquisa nesse momento.

⁴ O conceito de acontecimento para Zourabichvili (2016) põe em crise a ideia de história; o que acontece, rompe com o passado. É sempre pelo menos dois, pois não é somente um Advento. É um devir em que o antes e o depois brotam ao mesmo tempo.

teorias tão diversas e epistemologias diferentes os psicólogos e psicólogas se aceitam como uma mesma categoria nessa vasta gama de possibilidades.

Mas, apesar de todas essas divergências, também há entre a maioria das psicologias atuais um discurso que se resume em ser clínica, terapêutica e diagnóstica, ou seja, uma produção de um discurso verdadeiro que se passa pela identificação sintomatológica, uma pesquisa do sintoma para uma possível cura perante o olhar clínico que se instituí.

Perante tal cenário, a questão que provoca essa pesquisa é: há alguma alternativa para a psicologia que não seja um discurso diagnóstico sintomatológico? A hipótese é que há sim, e a alternativa se encontra no campo das artes com a criação de novas possibilidades de compreensão da política e da vida em comunidade.

O objetivo geral dessa pesquisa é a criar uma problematização sobre a identificação sintomatológica na psicologia e a atenta reflexão sobre o problema, tensionando-o com a ideia da ficcionalização como uma alternativa que se diferencia da identificação sintomatológica. Embora o caminho para atingir esse objetivo esteja comprometido com o rigor metodológico, às vezes as limitações nos obrigam a pensar não ter, efetivamente, como garantir esse rigor desejável. *A priori*, não há condições de ter acesso ao que garanta a objetividade desse trabalho.

Para tanto, o desenvolvimento dessa pesquisa acontecerá em dois capítulos:

O primeiro Capítulo se chama “Diagnóstico do Sintoma da Psicologia do Sintoma Diagnóstico”. Nele, conta como a psicologia e sua clínica se tornou uma área do saber científico e experimental, que produziu um olhar sintomatológico de diagnóstico sobre as confissões e condutas humanas. Assim, dividiu-se o capítulo em duas subseções chamadas “Uma Breve História da Psicologia como Científica e Experimental” e “A Clínica Psicológica da Autoridade Sintomatológica”, respectivamente.

O segundo Capítulo chamado de “Psicologia Entre a Clínica e Ficção” contempla uma outra visão possível da psicologia, diferente da perspectiva abordada no primeiro capítulo. Essa

visão é permeada pela ideia de ficcionalização, como ética que compõe a psicologia e a clínica. A partir dessa visão, duas subseções estão descritas: “Um Pulsar que Escapa as Normas Prescritas da Clínica” e “A Ficcionalização Como um Método”.

Com esse trabalho realizado em dois capítulos, pretendemos apresentar a psicologia e sua clínica como ciência, mas em intimidade com a filosofia e a arte, em suas faces de não-ciência. Nessa possibilidade, a ficção aparece como instrumento de rupturas de um modelo moderno científico da psicologia e da construção clínica.

Boa leitura.

2 DIAGNÓSTICO DO SINTOMA DA PSICOLOGIA DO SINTOMA DIAGNÓSTICO

No presente capítulo, busca-se apresentar como o processo de tornar a psicologia uma disciplina independente no campo científico foi possível. Para isso, busca-se apresentar uma história enviesada de como essas psicologias estimaram um modelo de cientificização calcado nas ciências naturais para atingir seus objetivos de estudar seus objetos. Por conseguinte, ao estimar tais modelos, produziu uma clínica psicológica autorizada a sintomatologização.

A história contada neste trabalho é enviesada pois há a tentativa de construir uma linha argumentativa sobre a história da psicologia científica e clínica já contada por alguns autores como: Gilgen (1975), Marx e Hillix (1995), Shultz e Schultz (1999) e Wertheimer (1972). Para a argumentação, autores como Canguilhem (1973), Farr (2002), Figueiredo (1991;2007) e Foucault (1977; 2000; 2010) compõem nossos estudos e linha narrativa.

Não há aqui a tentativa de uma valoração com a história contada, visto que entende-se que toda e qualquer escolha, ainda que possa ser científica e rigorosa, porquanto estabelecida a partir de critérios metodológicos bem delimitados, são produzidas sempre junto de nosso tempo, ou seja, por múltiplos constrangimentos do campo do possível. Embora permita metodologicamente alguma delimitação e determinação como condições de possibilidade, conferindo a historização algum rigor científico, admite-se que as escolhas nas histórias continuam de algum modo dependendo apenas do arbítrio daqueles que agem, e aqueles que agem são sempre uma multidão.

Ainda que façamos tais ressalvas, não se trata de trazer uma historicidade que seja certa ou errada. Não há como garantir a veracidade em cima de critérios objetivos ou transobjetivos que autorize dizer que esta história aqui seja verdadeira ou falsa. Não há critérios que superem os limites empíricos da história, portanto critérios transcendentais⁵ — construção de

⁵ Pontuamos que há uma duplicidade de formação: transcendência e transcendental. Aqui estamos falando da transcendência que se difere do transcendental que se alia ao conceito de

hierarquias baseadas em princípios morais como perfeição, simplicidade, abstração, generalização, replicabilidade, homogeneidade, permanência, etc. —, que permitam uma afirmação de que isso contado aqui, seja verdadeiro. Uma vez que o certo e o errado também estão sujeitos ao curso da história.

2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA COMO CIENTÍFICA E EXPERIMENTAL

Em sua pluralidade, entende-se que a psicologia não se construiu com fatores únicos que determinaram suas diversas psicologias. O que interessa aqui é contar uma história enviesada de como caminhos comuns foram percorridos pela psicologia, tomando um certo modelo de cientificidade.

Com esse objetivo, o capítulo seguirá com a companhia de autores que, embora apresentem diferentes bases epistemológicas, servirão para trazer um panorama de uma parte da história da psicologia enquanto ciência e sua construção entre os séculos XIX e XX. Essas perspectivas denotam que de algum modo um processo foi condição para que o estudo do humano e de sua conduta fosse possível.

De acordo com Farr (2002), o positivismo influenciou e influencia a forma de contar a história da psicologia em geral, estabelecendo com a própria psicologia reducionismos em sua construção de conhecimento e deixando transparecer questões ideológicas marcantes no universo psicológico. Trataremos da história da psicologia contada também por teorias e autores

condição de possibilidade em uma ontologia na qual o possível é real. Nalli (2007) em O Historiador dos Sistemas de Pensamento, coloca que conforme as ideias de Foucault: “A história das ciências não é a busca incessante e contínua em direção à verdade. Sua história é destituída de qualquer teleologia. Não há propriamente um fim a ser alcançado; assim como também não há uma origem primeira e fundamental, simultaneamente histórica e nos limites da história porque *transcendental*. Ainda que nem a ciência e nem a verdade são a norma dessa história, não implica que estejam fora de consideração. Ao contrário: é por não tomá-las como norma que a arqueologia pode se voltar analiticamente às ciências e as suas verdades como acontecimentos históricos, rastreáveis em suas dinâmicas de emergências históricas”. Diferente da ideia aqui colocada, uma vez que a transcendência se opõem a imanência.

afeitos as influências do positivismo, pois com eles serão enunciados o próprio modelo que se evidencia neste capítulo.

Sabe-se que a visão colocada neste primeiro capítulo traz uma noção de modernidade que recobre a singularidade de um regime particular da psicologia, mas que isto será usado para dar vistas a uma ordem político-social vigente.

Shultz e Schultz (1999) por exemplo, em seu livro trazem a história de quando a psicologia se torna uma disciplina distinta e experimental a chamando de “psicologia moderna”:

O tema deste livro é a história da psicologia moderna, aquele período que se inicia no final do século XIX, no qual a psicologia se tornou uma disciplina distinta e basicamente experimental (p. 5).

Sem se ater nas rupturas que foram inerentes a essa ordem sobre o processo de cientificação da psicologia, o caminho aqui realizado é uma história enviesada que transcorre de algum modo o narrar da psicologia que procura no alinhamento com as ciências naturais construir seu projeto de psicologia científica.

Nota-se que, na tentativa de se tornar científica por meio das ciências naturais, a psicologia se confunde ao projeto de ser uma ciência independente no campo científico, como uma disciplina com métodos e objeto de estudo distinto dos demais saberes. De acordo com Fonseca (2012), a psicologia com vistas a obter sua legitimação e reconhecimento científico, marcou seu corpus conceitual e metodológico com critérios racionalistas e funcionalistas, vigentes à época positivista.

Esses projetos — psicologia em meio as ciências naturais e a psicologia como uma ciência independente — se confundem, uma vez que um conhecimento para ser considerado ciência precisaria delimitar seu objeto de estudo e passar por um rigor metodológico específico.

Primeiramente, para a caracterização de uma ciência, Canguilhem afirma que “objeto ditaria o método utilizado para o estudo de suas propriedades” (1973, p. 1), limitando-a a

exploração de um domínio. Nota-se que em um primeiro momento a psicologia tentou sua unidade característica na delimitação de seu objeto. Mas com o tempo, ao se colocar como ciência, progressivamente se fez valer mais seu método que o objeto.

Apesar das tentativas de unidade perante um objeto de estudo no começo do século XIX, é possível observar que na própria origem da ideia dos primeiros e diferentes projetos de uma ciência psicológica, já não havia consenso em como caracterizar seu objeto (Araujo, 2010). A tentativa de consenso na delimitação de como deve ser caracterizado seu objeto para tornar-se científica foi se transformando e apresentando pluralidades de psicologias que aparecem principalmente nos enfoques metodológicos e nas tentativas de fundamentação teórica (Figueiredo, 1991).

Atualmente pode ser considerada como ciência da alma, da psique, da mente, do social ou do comportamento e apresentam metodologias de investigação e análise definidas como teoria geral da conduta, psicologia experimental, psicologia clínica da psicanálise, da psicologia social e da etnologia. Admitindo que não há um consenso na psicologia sobre seu objeto, técnica e metodologia, como é possível dizer que a psicologia produziu um discurso que provoca, em suas diferentes escolas e vertentes, técnicas que assumem uma unidade discursiva possível para que ocorresse um projeto de cientificização da psicologia?

Diante da ambição científica, a psicologia é possível quando o homem passa a ser objeto de estudo e há o rompimento com as especulações metafísicas, colocando-se no campo da ciência. Para Santos (1987), a psicologia, embora atrelada às diversas especulações, pretende no campo das ciências naturais se afirmar como possível no campo científico.

Araujo (2010) nos alega que Kant apresentava um parecer de que a psicologia não poderia tornar-se uma ciência no mesmo sentido da física ou da química, uma vez que a experiência interna — objeto de seu estudo até então — não podia ser investigado através do método experimental. De acordo com Araujo (2010) esse parecer negativo de Kant foi um fator

determinante no que diz respeito às tentativas de contradizê-lo e desenvolver um novo modelo de psicologia por meio de uma reforma metodológica, a qual buscava romper com os laços tradicionais das especulações metafísicas e visava uma aproximação com as ciências naturais.

Foucault (2010) afirma que a psicologia preocupou em alinhar-se com as ciências da natureza e em prolongar no homem as leis matemáticas, hipóteses explicativas e relações quantitativas que regem os fenômenos naturais. Diante dessa preocupação a psicologia moderna pensou seus métodos, os quais derivaram das tendências científicas ocidentais.

As tendências científicas ocidentais na primeira metade do século XIX assistiam à instituição formal de uma série de pesquisas em universidades e de laboratórios para treinamento, e assim também se construíram os métodos para estudar a mente humana. A química ao produzir produtos orgânicos como uréia fora do corpo humano ou animal, demonstrou que não há necessidade alguma de uma “força vital” ou qualquer outra entidade de natureza mística. Então, com as contribuições da química, o movimento da pesquisa laboratorial ganhou força e permeou os conhecimentos das ciências naturais (Wertheimer, 1972).

De acordo com Canguilhem (1973), a psicofisiologia e psicopatologia iniciam os estudos da psicologia como uma ciência natural. Desse modo, as psicologias utilizam de métodos laboratoriais emprestados das ciências naturais e começam a aparecer como campo de estudo científico.

A psicofisiologia se caracteriza como campo que tem por objeto o estudo das bases fisiológicas do psiquismo, a qual se subdivide em neurobiologia e neurofisiologia; e a psicopatologia como uma disciplina médica que busca saber sobre as afecções patológicas da psique (Canguilhem, 1973). Nesse sentido, a alma antigamente entendida como um ser natural é remontada perante a fisiologia e a medicina mental já abarcando alguns aspectos da psicologia moderna.

A fisiologia tornou-se uma disciplina de orientação experimental em 1830 e estes estudos contribuíram no estabelecimento das funções no sistema nervoso e dos processos mentais. Com esses estudos, há a conclusão de que o cérebro controla as funções vitais (Schultz & Schultz, 1999). A fisiologia — em certa medida, a física e a matemática também — possuía um prestígio e era frequentemente invocada para ilustrar a respeitabilidade científica da psicologia (Marx & Hillix, 1995).

A psicopatologia está em uma perspectiva que busca as causas da conduta em algum elemento orgânico. Começa positivamente com Galeno, o qual estabelece que é o cérebro o órgão responsável pela sensação, o movimento e a sede da alma. Mas foi com Pinel que há a fundamentação da medicina mental como disciplina independente. Os fisiologistas Cabanis e Bichat também fazem parte da história da psicologia patológica, e assim, a psicopatologia acaba chegando até Freud (Canguilhem, 1973).

A psicofisiologia e a psicopatologia para Canguilhem (1973) remonta atualmente⁶ algo sobre a ideia da psique e a alma entendidas como um ser natural, divididas entre as explicações metafísicas, as lógicas e físicas. A psicofísica⁷ também coexiste como uma tentativa de cientifização, contudo, ela marca uma virada da psicologia como ciência natural para uma psicologia como ciência da subjetividade.

A psicologia como ciência da subjetividade para Canguilhem (1973) é aquela que diz sobre a elaboração de uma física do sentido externo e do sentido interno. Física do sentido externo no que se refere a determinação de constantes quantitativas das sensações e das relações entre estas constantes. Já a física do sentido interno se apresenta como a ciência da consciência de si.

A psicologia, ciência da subjetividade, começa, pois com a psicofísica por dois motivos.

⁶ Canguilhem (1973) apresenta a conferência “o que é Psicologia” em 1958.

⁷ “Psicofísica: estudo das relações funcionais entre a mente e os fenômenos físicos” (Canguilhem, 1973, nota, p. 4)

Primeiramente, porque ela não pode ser menos que uma física para ser levada a sério pelos físicos. Em segundo lugar, porque ela deve procurar numa natureza, isto é, na estrutura do corpo humano, a razão da existência dos resíduos irrealis da experiência humana.

Mas, não se trata aí, portanto, de um retorno à concepção antiga de uma ciência da alma, ramo da física. A nova física é um cálculo. A psicologia tende imitá-la (Canguilhem, 1973, p. 4).

Essa virada ocorre com o declínio da física aristotélica e com o fim da psicologia como ciência de um objeto natural, e assim Canguilhem (1973, p. 4) pontua:

Seu projeto é o de uma ciência que face à física, explica porque o espírito é, por natureza obrigado a enganar inicialmente a razão relativamente à realidade. A psicologia se faz física do sentido externo, para dar conta dos contra-sentidos de que a física mecanicista acusa o exercício dos sentidos na função de conhecimento.

Foi mediante a concepção dos seres humanos como máquinas e o método científico que foi possível investigar a “natureza humana”. “As pessoas se tornaram máquinas, o mundo moderno foi dominado pela perspectiva científica e todos os aspectos da vida passaram a ficar sujeitos a leis mecânicas” (Schultz & Schultz, 1999, p. 36). Nessa ideia, de acordo com Canguilhem (1973, p. 4) “Os verdadeiros responsáveis pelo advento da psicologia moderna, como ciência do sujeito pensante, são os físicos mecanicistas do século XVII”.

De acordo com Foucault (1977), esse anseio do “Homem-máquina”, que foi construído por La Mettrie, continuou a ser afirmado pelos médicos e filósofos em seu registro anátomo-metafísico e constituído por um conjunto de regulamentos técnico-políticos para controlar e corrigir as operações do corpo, tornando-o útil e inteligível.

A ideia de que o homem podia ser objeto de estudo científico⁸ foi desenvolvida com a explicação mecanicista de La Mettrie, e isso se deve ao fato de que a explicação é de algum modo científica e aplicada ao humano, desagregando as ideias religiosas que impediam o estudo com humanos. Desse modo, a conduta do homem passou a ser considerada sujeita às leis, com pressupostos científicos e filosóficos básicos para o desenvolvimento de uma ciência (Marx & Hillix, 1995). Nesse sentido, explicações foram permeadas pelas comprovações científicas com horizonte no determinismo mecanicista como pilar da ideia de progresso.

O materialismo francês exemplificado por Julien de La Mettrie apresentava uma descrição convincente e inquietante do homem como máquina, física e mentalmente (Wertheimer, 1972; Schultz & Schultz, 1999). Para Schultz e Schultz (1999), as ideias do mecanicismo perpassaram pelo modo de fazer ciência, consistindo em uma tentativa de descrever os organismos vivos e seus processos estritamente como máquinas e em termos físicos e químicos.

Desse modo, a ciência da subjetividade se faz como física do sentido, requerendo uma objetivação da experiência subjetiva. A psicofísica então caracteriza o movimento que estuda as relações funcionais entre a mente e os fenômenos físicos (Canguilhem, 1973). Para Canguilhem (1973), eis o ponto forte da psicofísica: a ligação comum que se faz da psicofísica externa com a psicofísica interna pelos eventos subjetivos. Seus métodos foram o eixo central por onde se desenvolveu a psicologia experimental.

Neste momento, a psicologia estava dispersa como tema nas áreas das ciências físicas,

⁸ Quando a psicologia não era reconhecida enquanto uma ciência ou como parte de estudo de alguma ciência, os acontecimentos eram tipicamente explicados em termos de forças que se encontravam fora do âmbito dos eventos naturais observáveis. As explicações nesta época relacionavam as causas dos adventos e desastres em um caráter teológico, diferentemente da explicação científica própria à modernidade que não pode recorrer a tais descrições. Devido ao caráter teológico das explicações, por muito tempo a ideia de que o homem podia ser objeto de estudo não foi realizada, por causa do ser humano estar alocado em um lugar de santidade e considerado demasiadamente complexo para ser estudado pelos caminhos da ciência (Marx & Hillix, 1995).

biológicas, sociais e especulações filosóficas. Apesar da psicologia estar se fazendo entre outras ciências, foi a partir do século XIX que surgiram pesquisadores que pretendiam reservar aos estudos psicológicos um território próprio (Figueiredo, 1997).

Os pesquisadores tornam nítido o projeto de uma psicologia científica e para tanto, uma nova área de conhecimento. Para isso, a psicologia desmembrou-se da filosofia enquanto área do saber com vistas a obter sua legitimação e reconhecimento científico (Fonseca, 2012). ‘ Foucault (2010) coloca que as psicologias que daí surgem, possuem um traço em comum no que se refere ao seu estilo de objetividade e em buscar em seus métodos seu esquema de análise. Diante disso, para alguns, é com Fechner que data o nascimento da psicologia experimental (Canguilhem, 1973).

Em 1860, Gustav Theodor Fechner publicou sua obra *Elementos de Psicofísica*, contribuindo com a análise das relações entre estimulação e o efeito sensorial, e assim demonstrou como fazer medidas precisas de eventos e quantidades mentais, e de que modo as quantidades psíquicas se relacionam com as físicas. Assim, mostrou que o mundo mental e material podem ser quantitativamente relacionados (Schultz & Schultz, 1999).

Fechner descreve, com a ajuda da fisiologia, uma relação entre os eventos subjetivos com as atividades neurais. Ele marcou a tentativa da psicologia estudar os eventos subjetivos da conduta humana por meio experimental. Entretanto, como já dito, a psicologia em sua origem não apresentou um consenso definido sobre seu objeto e metodologias utilizadas para se tornar ciência, apesar de seus esforços. Nesse sentido, vários pesquisadores começam a experimentar estudos que marcam o início de uma psicologia independente no campo científico. A seguir serão apresentados alguns nomes que também datam esse início.

John Stuart Mill (1806–1873) afirmou que é possível ter uma ciência da psicologia quando outros filósofos negavam a possibilidade de estudar a mente em termos científicos próprios. Mill teve o seu pensamento influenciado pelas descobertas químicas e pelo

pensamento utilitarista que lhe forneceram subsídios diferentes daqueles dados só pela física (Schultz & Schultz, 1999).

Johann Friedrich Herbart publicou seu livro *Psicologia como Ciência* (1821) mostrando que a psicologia podia ser quantitativa. Contudo, não podia ser fisiológica, nem experimental, pois as técnicas e preocupações dessas tendem a fracionar e não tratar a mente como um todo. Segundo Herbart, as ideias na mente são dinâmicas, estão constantemente em guerra, lutam para conseguir um lugar na consciência. As ideias novas fundem-se na massa aperceptiva, nas ideias que já lá se encontram e podem ser quantificadas sob a apercepção, limiar de consciência, atividade das ideias e sua fusão (Wertheimer, 1972).

Ernest Heinrich Weber (1795–1878) uniu a psicologia às ciências naturais e ajudou no caminho do uso de pesquisa experimental no estudo da mente, uma vez que se interessou por pesquisar a fisiologia dos órgãos sensoriais. Suas principais contribuições para a psicologia foram os experimentos sobre o tato, os quais visavam a determinação experimental da precisão sobre a distância entre dois pontos necessária para a discriminação que teve sensações distintas. Esse procedimento foi chamado de “limiar de dois pontos” — pesquisa que assinala a primeira demonstração experimental sistemática do conceito de limiar, entendido como “o ponto no qual um efeito psicológico começa a ser produzido” (Schultz & Schultz, 1999, p. 64).

Outra data importante a ser considerada é 1875, ano que Wilhelm Wundt obteve espaço para demonstração de experimentos em Leipzig, ao mesmo tempo que Willian James, em Harvard (Wertheimer, 1972). No fim do século XIX, Wilhelm Wundt ficou conhecido como criador do primeiro laboratório de psicologia no Instituto Experimental de Psicologia da Universidade de Leipzig, na Alemanha (Schultz & Schultz, 1999). Com Wundt e seu caráter de uma psicologia experimental devido a criação de um laboratório exclusivamente destinado aos estudos psicológicos e realizando uma sistematização geral da psicologia, contribuiu na promoção da psicologia como um campo independente de estudo.

Nessas condições, e também em muitas outras que não seria possível aludir nessa pesquisa, foi possível o estudo sobre o humano e sua conduta. Esses foram alguns fatores no desenvolvimento de toda a psicologia do século XIX. Para Schultz e Schultz (1999), apesar de todas as diferenças, os primeiros psicólogos estavam unidos em termos de tema e propósito: mudaram o estudo da natureza humana de um estudo da alma para um estudo pautado na observação e experimentação.

Mill, Herbart, Weber, Fechner, Wundt, dentre outros não citados aqui devido ao grande número de cientistas e filósofos que contribuíram para a emergência de uma ciência psicológica no século XIX, estavam direcionados a formalizar o conhecimento e assim realizar uma correta quantificação sobre o humano. Para tanto, as psicologias modernas foram permeadas pelos modelos físico-químico, orgânico e evolucionista (Foucault, 2010).

As psicologias que se pautaram no modelo físico-químico, já mencionado aqui, tentam, por um lado, a partir dos fatos, ter acesso às leis gerais e por outro lado, reduzir os fenômenos complexos em elementos simples (Foucault, 2010). Segundo Foucault (2010), John Stuart Mill definiu o modelo físico-químico com maior clareza. Diferente de seu pai James Mill, o qual tinha uma posição atomista e mecanicista, John Mill considerava que a mente tinha um papel ativo. Em outras palavras, as ideias complexas não seriam uma soma decorrente da associação de ideias simples, pois em seu ponto de vista, a combinação de elementos mentais sempre gera alguma coisa nova (Schultz & Schultz, 1999).

Para Foucault (2010), o outro modelo que permeou as psicologias foi o modelo orgânico que de algum modo rompe com a ideia estritamente mecanicista do homem. Nesse modelo, Fechner e Wundt ressaltaram que o aparelho psíquico não funciona como um mecanismo e sim é caracterizado por sua espontaneidade, sua capacidade de adaptação e seus processos de regulação internas. Assim, foram empreendidas as pesquisas experimentais as quais mediam limiares absolutos e diferenciais da sensibilidade e outros estudos psicofisiológicos (Fechner,

1877; Wundt, 1874 citado por Foucault, 2010).

Nota-se que esses dois modelos produzem um certo rompimento com as ideias estritamente mecanicistas para dar vistas ao possível processo de adaptação e transformação. O terceiro modelo para Foucault provoca um impacto ao colocar em cheque as determinações da natureza, rompendo com algumas ideias até então aceitas nas ciências naturais.

O terceiro modelo para Foucault (2010) é o evolucionista. Com as ideias de Darwin provocando uma renovação considerável nas ciências do homem (Foucault, 2010; Wertheimer, 1972), *A origem das espécies* provocou um certo abandono do “mito newtoniano” adotado no modelo físico-químico e assegurou sua substituição por meio do “mito darwiniano” (Foucault, 2010).

A teoria da evolução impactou mudanças contínuas, tanto no domínio intelectual e científico, como na vida cotidiana. Sobretudo, havia a crescente influência da ciência, visto que cada vez menos contentava-se em fundamentar os conhecimentos da natureza humana e da sociedade naquilo que a Bíblia e as antigas autoridades afirmavam ser verdadeiro, assim deposita-se sua fé na ciência. Isso se deu também com a psicologia, pois a ideia de evolução de Darwin em meados de 1800 tornou mais aceitável a ciência psicológica, uma vez que a evolução é um fato para a comunidade científica. (Schultz & Schultz, 1999).

Para Foucault (2010), o evolucionismo mostra que a vida psicológica tem uma orientação, mas isso não foi o suficiente para desprender dos preconceitos das hipóteses amplas e gerais que explicam o homem como um setor determinado por regras das ciências naturais. A descoberta do sentido, mostrou que essa orientação não era apenas uma força natural que se desenvolve, mas sim, uma significação da conduta humana. O surgimento dessas significações se fez a partir da análise histórica, a qual ele aprende que não é um segmento dos processos naturais. Essa descoberta marca uma certa desagregação dos antigos valores físicos e químicos, promovendo a psicologia como um campo independente.

Vale ressaltar que nessa busca pela conquista de um lugar próprio na ciência, a psicologia se deve, em grande parte, a sua positivação e seu caráter utilitário, colocando-a no status de campo científico (Santos, 1987). Para tanto, há uma guinada para a sua positivação, principalmente pautada na psicologia norte-americana (Faar, 2002).

Todavia, pontua-se que no movimento de positivação da psicologia norte-americana há um entendimento de que a psique ou mente não se apresenta como um objeto observável. O sujeito empírico é concebido como fator de erro, visto que “a atribuição de caráter subjetivo a um argumento o desqualifica diante da lógica dos fatos” (Figueiredo, 1991, p. 19).

Essa psicologia que se pretendia no conhecimento positivo teve como destino apoiar-se em dois postulados filosóficos: “que a verdade do homem está exaurida em seu ser natural e que o caminho de todo conhecimento científico deve passar pela determinação de relações quantitativas, pela construção de hipóteses e pela verificação experimental” (Foucault, 2010, p. 133).

Nota-se aqui, que a todo momento há um resgate dos preceitos das ciências naturais e seu caráter experimental acompanha os movimentos presentes em cada época. Nesse sentido, no século XX várias das psicologias do século XIX se aglutinaram durante suas primeiras décadas.

Também há no século XX o surgimento de várias outras psicologias nesse movimento, denotando uma diversidade na abordagem dos fenômenos psicológicos (Figueiredo, 1997). Por exemplo: a concepção defendida por Herbart no século XIX de que a mente deve ser estudada como um todo é semelhante as ideias gestaltistas surgidas no século XX (Wertheimer, 1972), semelhante também ao modelo proposto por Freud que emprega explicitamente o conceito de inconsciente e repressão (Figueiredo, 1991).

O estudo experimental das sensações continua até hoje uma área de pesquisa muito ativa e rigorosa (Figueiredo, 1991). Fechner desenvolveu a noção de princípio de prazer, que

influenciou a obra de Freud. Outro exemplo é a ideia de limiar, a qual é usada até hoje, ora próxima de Weber e ora mais próxima de Herbart (Schultz & Schultz, 1999).

Para Figueiredo (1991), é possível dividir as linhas das psicologias que sob sua diversidade realizam uma análise do ser humano, enquanto sujeito e objeto histórico, no século XX em: Behaviorismo, Psicanálise, Fenomenologia e a Gestalt. Essas seriam para ele as principais escolas com suas convicções, tarefas, métodos e definições próprias da psicologia que se estabeleceram na segunda metade do século XX.

As psicologias destacadas como modo de divisão, são reconhecidas por Figueiredo (1991) em terem suas fontes em matrizes⁹ de pensamentos que contribuíram no cientificismo psicológico e assim, em uma preocupação com a produção do conhecimento útil e de uma verdade sobre o sujeito. Essas fontes foram condições de possibilidade para a psicologia estabelecer leis para com os movimentos das psicometrias ao lado da psicologia experimental, dedicados aos estudos das diferenças individuais; encontrar-se na organização social e técnica do trabalho industrial; inspirar os projetos de decomposição da vida psíquica, e da decomposição do fluxo comportamental; explicar os processos psicológicos diante à formação do comportamento reflexo (Figueiredo, 1991).

Ao nível metodológico, pelas tentativas de produzir conhecimentos que integrem as análises funcionais, estruturais e genéticas (característica metodológica básica da matriz funcionalista e organicista), os processos são entendidos como orientados para adaptação. A psicologia norte-americana teve como precursor William James em seu funcionalismo biológico — os seres vivos ao se comportarem exibem uma intencionalidade que pode ser

⁹ As psicologias destacadas como modo de divisão, são reconhecidas por Figueiredo (1991) em terem suas fontes nas matrizes nomotécnicas e quantificadoras, atômica e mecanicista, funcionalista e organicista, ambientalista e nativista, vitalista e naturista, compreensivas, ou fenomenológicas e existencialistas. Devido ao enredo escolhido para o primeiro capítulo, neste parágrafo as matrizes que falamos são: nomotética e quantificadora, atômica e mecanicista e funcionalista e organicista, pela contribuição diante o esforço realizado para o cientificismo psicológico.

objetivamente caracterizada (Figueiredo, 1991).

Nessa inspiração, Edward Titchener (1867–1927) compreende que a tarefa da psicologia científica será a “identificação desses elementos mediante uma introspecção controlada e altamente treinada para se evitar o erro de estímulo” (Figueiredo, 1991, p. 6). Tendo como plano de fundo a hipótese da continuidade evolutiva de Darwin, a psicologia comparativa entende o modelo de aprendizagem por ensaio e erro, ou seja, a consciência é atribuída de modo que o ser cujo comportamento estudado exibe a autorregulação intencional em suas relações com o meio. A aprendizagem para Edward Thorndike (1874–1949), por exemplo, com influência cruzada do mecanicismo, torna-se um processo de eliminação do erro.

A partir do século XX, os behavioristas veem nessa autorregulação a intencionalidade e o mentalismo que o positivismo não admite. A reflexologia representa então uma promessa de uma psicologia observável e as leis objetivas, principalmente com a teoria do comportamento reflexo (Figueiredo, 1991).

De formas muito diversas, na modernidade, o funcionalismo esteve presente nas teorias de Edward Tolman (1886–1959) e Burrhus F. Skinner (1904–1990). Assim, com o primeiro, o conceito de “comportamento-ato é essencialmente propositivo e a intencionalidade é uma propriedade objetiva do comportamento que se manifesta na sua docilidade” (Figueiredo, 1991, pp. 84–85), já com o segundo, o conceito de “operante é uma classe de respostas definida pelas relações funcionais do comportamento com suas consequências com o estado de motivação e com as condições ambientais presentes no momento em que a resposta ocorre” (Figueiredo, 1991, p. 85).

A exclusão de conceitos mentalistas do discurso científico, principalmente norte-americano, promoveram uma visão do comportamento como um processo automático. Contudo, com o estudo dos seres vivos, encontrou-se o evento da reprodução, do desenvolvimento e da “autoconservação” contrapondo esta ideia do comportamento. Esses

eventos observados pela biologia, indicavam uma especificidade de cada ser vivo, sugerindo a existência de variáveis “debaixo da superfície observável” (Figueiredo, 1991, p. 73). Assim, a necessidade e a influência do funcionalismo provocaram a consideração de variáveis motivacionais e cognitivas que acabaram por reduzir esse automatismo estímulo-resposta.

Na psicologia europeia, observa-se a influência da etologia funcionalista no que tange à adaptação do organismo ao meio. Na obra de Jean Piaget, a explicação da passagem de uma estrutura a outra permeia a ideia de “equilibração e reequilibração” (Figueiredo, 1991, p. 93) e então, o desenvolvimento das estruturas serve a uma finalidade adaptativa. Na Psicanálise de Freud, as tradições científicas com as quais se familiarizou como pesquisador e médico estão próximas a uma fisiologia e uma biologia funcionalista e evolucionista (Figueiredo, 1991).

A psicanálise produz uma teoria que a tudo tem uma explicação, nada é por acaso. A frase imperativa “Freud explica” caracteriza o determinismo absoluto da teoria. Todas as manifestações psíquicas e comportamentais são entendidas como ato psíquico ao qual tudo tem função ou sentido, uma intenção acima de qualquer aparente causalidade mecânica ou ocorrência aleatória. Nesses casos supõe-se uma intencionalidade inconsciente ou um sentido encoberto, devendo-se ser analisada pela ótica do determinismo funcional¹⁰ (Figueiredo, 1991).

Na psicossociologia e no senso comum, o funcionalismo também está presente, tendo em vista que o modelo funcionalista da sociedade esteja colocado no sistema normativo que é necessário para o desempenho das funções, fornecendo aos indivíduos e organizações os motivos para a ação considerados aceitáveis e legítimos para atingir os objetivos no contexto da vida social (Figueiredo, 1991).

A psicologia social positivista, mais especificamente a psicossociologia funcionalista,

¹⁰ Entretanto, em um outro aspecto, a psicanálise se afasta das manifestações do funcionalismo no que se refere a existência do conflito, distanciando assim do organicismo funcionalista que preconiza a harmonia e complementariedade entre as partes funcionais, estruturais e genéticas (Figueiredo, 1991). Apesar de saber que a história sobre as psicologias não é uma e há rupturas e fissuras em seu processo, esse campo múltiplo será abordado apenas no próximo capítulo.

toma a sociedade como essencialmente harmoniosa e as “patologias sociais” seriam produzidas pelo processo de socialização e, nesse sentido o problema não estaria no “doente mental”, mas sim na incapacidade da socialização produzir as identidades sociais adequadas ou as expectativas e habilidades necessárias ao desempenho dos papéis exigidos pela reprodução social. Nesse âmbito, o psicólogo procura assumir suas responsabilidades como agente de adaptação e reabilitação (Figueiredo, 1991).

Observa-se, em companhia de Wertheimer (1972) e Figueiredo (1991), que o funcionalismo começou com a preocupação da mente como processo adaptativo. Com as explicações do desenvolvimento ontogenético e filogenético, o conceito da adaptação é fundado no plano da estrutura orgânica, ora entendido como um fenômeno da superfície, ora em termos de manutenção do meio interno. Embora a adaptação apareça como um conceito amplo, admitindo diferentes interpretações, em todas aponta para uma certa intencionalidade do ser vivo, a qual pode ser “consciente, ou puramente objetiva, manifesta ou totalmente encoberta” (Figueiredo, 1991, p. 77).

O ambientalismo significou um certo afastamento da importância atribuída ao organismo, atenuando a imagem essencialmente funcionalista da “autorregulação”. Como exemplo, temos com Skinner que o comportamento tem uma estrutura que não é a do organismo, mas a das relações do organismo com o meio (Figueiredo, 1991).

Wundt na Europa procurou compreender a estrutura da mente e desenvolver um sistema psicológico rigoroso. Titchener prosseguiu a tradição sistemática introduzindo-a nos Estados Unidos e se autodenominou estruturalista, de modo que se utilizou do modelo químico para sustentar que cada totalidade psicológica se compõe de elementos. Titchener dividia a psicologia em humana, animal, social, infantil e anormal (Wertheimer, 1972).

Entende-se que essas diferentes psicologias possuem em sua fundamentação as discussões realizadas pelos cientistas do século XIX. Araujo (2010), por exemplo, aponta que

Wundt, apesar de toda sua importância histórica em uma sistematização teórica de sua psicologia, não apresenta uma escola ou linha teórica que seja com base em seus pensamentos. Contudo, sabe-se de sua importância e de que suas discussões provocaram o aparecimento de outras psicologias.

As psicologias do século XX foram resultados das tendências referidas anteriormente. Todas essas matrizes do pensamento psicológico, cada qual à sua maneira, provocam modos de subjetivação no Ocidente, na medida em que ofereceram condições epistemológicas, ontológicas e políticas como referentes universais para pensar o pesquisar, o sujeito e seus fenômenos subjetivos. As psicologias científicas mais afeitas aos modelos físico-químicos, modelo orgânico e modelo evolucionista, realizam suas pesquisas sobre o sujeito tendo como parâmetro o disfuncional, o desvio, e o patológico como negativo.

Como dissertado, as matrizes foram modos de dividir os pensamentos de modo que fosse possível dizer que estas corroboraram com as diversas convicções das psicologias sobre a possibilidade de decifrar, decodificar, ou investigar, por meio de um fragmento psíquico (cognição, capacidades), mental (metafísica), comportamental (exterioridade), perceptual (percepção, reação), corporal (sem distinção entre mente e corpo), sociais, ou entre outros objetos de estudo possíveis na psicologia, os sintomas presentes no relato, corpo e conduta do humano.

Para tanto, as psicologias ocidentais se colocam em busca de tentar determinações quantitativas, elaboração de leis e hipóteses em uma metodologia que os lógicos acreditaram descobrir nas ciências das naturezas, mas a separação em uma área específica do conhecimento ocorre diante do homem moderno, e por meio da psicologia encontrou a verdade do próprio homem ao desqualificar os demais saberes. Desqualificação no que tange à caracterização de seu objeto de estudo como diferente das outras áreas, legitimando a sua separação.

2.2 A CLÍNICA PSICOLÓGICA DA AUTORIDADE SINTOMATOLÓGICA

Com o panorama realizado, seguiremos para essa segunda parte do capítulo com a discussão sobre como a produção da psicologia científica se construiu no espaço da clínica por meio de um tipo de semiologia psicológica, produzindo um modelo sintomatológico sobre as condutas e confissões humanas.

Na seção anterior podemos observar que durante sua história de cientificização a psicologia esforçou-se para colocar seus métodos sobre o indivíduo na psicofísica, na psicofisiologia e psicopatologia. Jacques, Strey, Bernardes, Guareschi, Carlos e Fonseca (2014) demonstram que todas essas psicologias inseridas em um modelo pretensiosamente científico moderno criaram metodologias e teorias para explicar a influência dos fatores sociais sobre os processos psicológicos individuais.

Essas metodologias e teorias se deram devido a constatação da impossibilidade de estudar o homem como um ser isolado. Então, tentam explicar a influência dos fatores sociais sobre os processos psicológicos por meio da percepção, motivação, pensamento, aprendizagem e memória (Jacques et al., 2014).

Assim, a psicologia vai ao encontro com os estudos da fisiologia a respeito dos órgãos, dos sentidos e tempo de reação, que vieram a ser chamados de neurofisiológicos; da biologia, tendo como conceito biológico mais importante a evolução; da abordagem atomista que teve êxito em diversas disciplinas, de modo que a psicologia procurou adotá-la em seus estudos; do pensamento quantitativo e a psicofísica com a quantificação e os testes mentais (Wertheimer, 1972).

A psicologia construiu seu olhar voltado para o indivíduo, separando este dos estudos humanísticos. As psicologias citadas, principalmente do século XIX, se fazem valer de uma certa análise psicofisiológica e psicopatológica e psicofísicas das condutas. Na metade do

século XIX, a fisiologia introduz no campo do estudo dos processos mentais duas abordagens experimentais: o método clínico e o uso de estímulos elétricos. Ressalta-se que ao lado da psicologia experimental, desenvolveu no final do século XIX o estudo das diferenças individuais pelo movimento da psicometria (Figueiredo, 1991). Desse modo, a psicologia no espaço da clínica foi se fazendo como uma psicologia do indivíduo.

O espaço da clínica em psicologia passa nos primeiros anos do século XX, quando a natureza da psicologia americana e o tipo de trabalho que muitos psicólogos faziam sofreram uma drástica mudança visto a economia vigente. Com o tempo, os departamentos de psicologia passaram a ser julgados com base no seu valor prático (Schultz & Schultz, 1999) e empírico, que teve orientação quantitativa crescente (Wertheimer, 1972). Ao mesmo tempo, a psicologia deixou a universidade para ingressar no campo dos negócios públicos e os psicólogos passaram a se dedicar em grande número à prática clínica, educacional e administrativa (Wertheimer, 1972).

Não obstante, de acordo com Schultz & Schultz (1999), a psicologia clínica em 1940 era uma parte pouco expressiva na psicologia. Situação que mudou depois da Segunda Guerra Mundial em 1945. Wertheimer (1972) afirma que a Primeira Guerra Mundial propiciou um impulso para os testes psicométricos e a Segunda Guerra Mundial modificou a face e o destino da psicologia na Europa — particularmente na Alemanha, onde nasceu a Psicologia Experimental, e na Áustria, berço da Psicanálise (Wertheimer, 1972).

As guerras foram uma força contextual que ajudou a moldar a psicologia científica. As experiências de psicólogos que colaboraram com o esforço de guerra dos Estados Unidos da América na Primeira e na Segunda Guerra Mundial aceleraram o desenvolvimento da psicologia aplicada e estenderam a sua influência a setores como a seleção de pessoal, os testes e a engenharia psicológica (Schultz & Schultz, 1999).

Para Figueiredo (1997), a demanda por uma psicologia aplicada nos campos da

educação, do trabalho e da clínica coexiste com a necessidade do Estado de recorrer às práticas de previsão e controle. A psicologia científicista contribuiu para a legitimação de práticas sociais e dos interesses correspondentes, assumindo assim que há uma função ideológica científicista (Figueiredo, 1991).

A finalidade utilitária também emerge como justificativa e legitimação da ciência junto a busca da verdade objetiva. Descartes e o empirismo de Bacon serviram bem a isso no que tange esse interesse utilitário (Figueiredo, 1991). René Descartes simbolizou a transição da Renascença para a era científica e a obtenção de conhecimento deveria passar a ser por meio da observação da natureza (Schultz & Schultz, 1999). O modelo de racionalidade moderno tem em Descartes (1983), o qual no século XVII escreve “sobre as coisas que se podem colocar em dúvida”, a afirmação que os sentidos podiam ser enganosos no reconhecimento do que é verdadeiro. Estes sentidos apreendidos e tidos como verdadeiros por vezes o enganaram, assim se estes o foram enganosos alguma vez, não se pode confiar neles. Nas palavras dele:

Tudo o que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez. (Descartes, 1983, p. 2)

Os sentidos são de algum modo substituídos pela razão. Os elementos que escapam contrariamente aos objetos sensíveis são das “naturezas simples”, ou seja, aquelas que para Descartes (1983) são indecomponíveis: figura, quantidade, espaço e tempo. Assim, rompendo com o método dedutivo aristotélico adotado até então, empregou-se uma análise dos princípios e fundamentos da razão, e o uso de ideias matemáticas a fim de explicar a natureza.

Para conhecer algo, o método cartesiano diz que é necessário um método científico que divide as dificuldades em quantas parcelas for possível, classificando-as e depois determinando

as relações sistemáticas entre o que foi dividido. Pode-se dizer que foi nesse caminho, diante da ideia que “conhecer é quantificar”, que as explicações sobre o mundo ganham corpo no pensamento europeu a partir do século XVII (Santos, 1987). Conhecer seria formalizar o conhecer, sendo tal formalização, por sua vez, condição de possibilidade para uma correta quantificação.

Dessa maneira, a matemática passa a ter um lugar central ao ser instrumento privilegiado de análise, lógica de investigação e modelo de representação da estrutura da matéria na ciência moderna (Santos, 1987). Ao suspeitar de toda e qualquer experimentação sensorial e diante da crença de que a ciência com seus métodos e técnicas rigorosas é um meio insubstituível para o conhecimento, a ciência e, não tão distante, a clínica psicológica caracterizam seus objetos de estudo e suas técnicas de análise.

Os princípios do modelo moderno de racionalidade estão pautados na ideia de valorização da razão e na necessidade de experimentação a fim de comprovação e explicações da natureza. É por esta via que o conhecimento científico rompe com o conhecimento do senso comum (Santos, 1988).

Para Cunha (2019), a modernidade transformou o homem em objeto, em mão-de-obra que vive para o progresso material e o desenvolvimento da ordem. Desde a filosofia cartesiana, a racionalidade moderna tem a ambição de englobar não só todas as partes da ciência, mas também todos os aspectos e todos os momentos do agir de modo que: “o homem não é somente sujeito, mas objeto de sua própria racionalidade” (Cunha, 2019, p. 45).

Fundou, dessa maneira, um tipo de homem que, como seu objeto, passou a poder ser mensurado, sendo dotado de consciência e vontade e, em consequência, acessível como objeto de previsão e controle. Nessa fundação, a própria ciência voltada para o estudo do homem desprezou as suas propriedades inconscientes e irracionais, fazendo-lhe predominar a voz da consciência e uma vontade positivas. Adaptável, previsível e

mensurável, o homem então inventado tornou-se explicável somente por aquilo que deixava transparecer como comportamento (Fonseca, 2012, pp. 23–24)

Perante um processo que a ciência moderna está à serviço, de entusiasmar uma neutralidade diante da dicotomia sujeito/objeto e de seus relatórios de pesquisa, as experiências quase que cotidianas revelam uma imposição ao distanciamento e uma exigência dessa perspectiva da observação do objeto que se estuda. Com a psicologia não foi diferente.

Temos, assim, que o modelo hegemônico e propagado de clínica coincide, em algumas de suas raízes, com princípios epistêmicos que privilegiam a dicotomização entre sujeito e vida, consciente e inconsciente, interioridade e exterioridade, clínica e política. Fundado na crença de uma postura neutra busca produzir a ‘correção’ daquilo que entende estar desviado e fora da norma. Alimenta-se pela representação de modos de ser considerados ideais e que, do alto de sua certeza, constituem-se e impõem-se como modelos de identificação a serem reproduzidos em nome da ordem e do bem-estar (Fonseca & Kirst, 2004, p. 30).

De acordo com Foucault (2000), toda a estrutura epistemológica da psicologia consolida-se aproximadamente contemporânea da Revolução do século XIX. Esse acontecimento concerne à relação do homem consigo próprio e “a psicologia é somente uma fina película na superfície do mundo ético no qual o homem moderno busca sua verdade — e a perde” (Foucault, 2000, p. 85).

Recorrendo a uma análise oriunda do dicionário etimológico de Figueiredo (2001), nota-se que a palavra clínica tem sua origem no latim *clinicus*, que pode ser entendido como “médico que visita os pacientes em seus leitos”; ou ainda, do grego, *klinike tekhnē*, sendo traduzido como “prática à beira do leito” (Figueiredo, 2001, p. 462). O que se configura no tocante à gênese da

palavra clínica é que esta diz respeito a uma práxis exercida por um indivíduo que responde à ciência médica.

Entretanto, ao contar a história da psicologia resgatando sua matriz científicista, nota-se que a clínica psicológica é herdeira do modelo laboratorial para além do campo da ciência médica. A clínica psicológica científica é herdeira de um movimento laboratorial, a qual procurava com o método científico encontrar as condições de variação no ser humano. Já o modelo psicopatológico procurou a semiologia das doenças entendidas como mentais.

Como Marx e Hillix (1995) colocam, a finalidade da ciência é estabelecer novas definições empíricas que sejam corretas no sentido de que conduzem à previsão e ao controle. Apesar das definições que a ciência estabelece não sejam totalmente conclusivas e finais, elas garantem uma utilidade requerida pela época.

Com exigências sobre a utilidade da psicologia, a clínica aparece na Associação Psicológica Americana (APA) como meio de utilidade social. De acordo com Schultz e Schultz (1999), Lightner Witmer na qualidade de primeiro psicólogo clínico pela APA, desenvolveu seus próprios métodos de diagnóstico e tratamento no transcorrer do próprio trabalho. Witmer fundou em 1907 a revista *Psychological Clinic* e em seu primeiro número propôs uma nova aplicação da psicologia, uma nova profissão chamada psicologia clínica.

Ele estudou com Wundt e Titchener, foi um dos membros fundadores da APA e trabalhou como psicólogo experimental em tempos em que o funcionalismo começou a aparecer na psicologia americana. Enquanto realizava seu trabalho experimental, Witmer buscava meios de aplicar a psicologia ao comportamento anormal¹¹. Essa busca foi impulsionada quando o campo da educação pública estava se expandindo e os psicólogos

¹¹ A expressão comportamento anormal foi retirada da escrita de Schultz & Schultz (1999). Foi mantida essa expressão devido a intenção de dar vistas para como se coloca a questão do comportamento e a ideia de que há um comportamento anormal tanto em Witmer que foi citado, como para os autores.

estavam sendo chamados para darem cursos para profissionais que se especializavam em educação (Schultz & Schultz, 1999).

Era preciso descobrir maneiras de treinar os profissionais para se tornarem psicólogos educacionais. Nessa empreitada, Witmer ficou responsável por alguns cursos e se dedicou sobre os problemas encontrados no meio educacional, montou uma clínica e dentre poucos meses estava preparando cursos sobre métodos de tratamento de crianças com distúrbios mentais, cegas e com outros problemas, de acordo com Schultz e Schultz (1999).

Além de Witmer, as ideias de Freud foram cruciais para o desenvolvimento da psicologia clínica, uma vez que foram extraídas técnicas psicológicas de terapia de sua obra de psicanálise (Schultz & Schultz, 1999). De acordo com Preciado (2019), a psicanálise gira em torno de um discurso onde o sujeito da enunciação das instituições psicanalíticas da modernidade colonial é confundido como o humano universal, aquele que está fora dos parâmetros universais está alocado na dicotomização normal/patológico.

Para Figueiredo (1991), a psicanálise manifesta uma reviravolta na psicologia, mas continua sendo uma ciência de sentido não imediato. Pode-se dizer que essa reviravolta na psicologia é manifesta com a psicanálise de Freud no momento em que o sintoma não se refere a algo detectável no organismo, permitindo elaborar o diagnóstico de uma doença orgânica como ocorre na ciência médica, se refere a algo que deve ser acolhido, mas ainda assim decifrado.

Observa-se que em toda construção da clínica educacional, laboratorial e psiquiátrica ocupa-se da anormalidade, da possibilidade de uma experiência clínica que cure, trate, ou mude o que há de problemático, calcado em uma aplicação para o funcional. Mais do que uma separação de uma “psicologia clínica laboratorial” e “psicologia clínica médica”, aqui se trata de trazer sobre o “olhar médico” que se institui nas práticas clínicas psicológicas em geral. Desse modo, cabe ao profissional de psicologia observar e compreender para, posteriormente,

intervir, isto é, remediar, tratar, curar.

Foucault (1977) aponta que no espaço da clínica, onde se entrecruzam corpos e olhares, o saber do sofrimento — alocado na subjetividade dos sintomas — é inserido em um discurso redutor e objetivante. Para Foucault (1977), o que cria a possibilidade de uma experiência clínica é justamente a aplicação de um olhar sobre a doença que lhe confere objetividade, pois há sempre no corpo doente, um *a priori* concreto possível de ser desvelado. Nas palavras de Foucault: “A experiência clínica — do indivíduo concreto à linguagem da racionalidade — foi tomada como um confronto simples, sem conceito, de um olhar sobre o corpo” (Foucault, 1977, p. 13).

De acordo com Foucault (1977), a medicina tem um lugar determinante na arquitetura de conjunto das ciências humanas quando a experiência da individualidade na cultura moderna está talvez ligada à da morte. “Cada indivíduo é ao mesmo tempo sujeito e objeto” (Foucault, 1977, p. 60). Para tanto,

a clínica não é um instrumento para descobrir uma verdade ainda desconhecida; é uma determinada maneira de dispor a verdade já adquirida e de apresentá-la para que ela se desvele sistematicamente. A clínica é uma espécie de teatro nosológico de que o aluno desconhece, de início, o desfecho (Foucault, 1977, p. 66).

Esta é a clínica tradicional que trata o indivíduo através do olhar anátomo-morfológico. As manifestações do corpo, os gestos e as palavras ditas são apreendidas e reportadas a um catálogo de doenças mentais. É o corpo doente que é evidenciado, dado a conhecer. A expressividade deste corpo, sua dor, passa através da grade de um discurso racional, assumido pelos saberes psiquiátricos que se atribuem conhecimento qualificado capaz de conhecer e curar estas manifestações (Jaeger, 2015, p. 50)

O homem só se tornou uma “espécie psicologizável” a partir do momento em que sua relação com a loucura permitiu uma psicologia, essa relação com a loucura foi definida pela dimensão exterior da exclusão e do castigo, e pela dimensão interior da hipoteca moral e da culpa (Foucault, 2000).

As condições de variação do ser humano são permeadas pela construção de verdade sobre uma ideia geral sobre a conduta humana, a qual buscava afirmar o que seria patológico ou não. De acordo com Foucault (2000), a conduta que não se integrasse a uma cultura seria a condição para se constatar uma patologia. Esta seria considerada marginal por natureza e para tanto, definida como uma doença. Nesse sentido, as psicologias ocidentais em um primeiro momento tentaram reconhecer seus objetos na medicina orgânica e na idiosincrasia dos sinais e sintomas, mas com o tempo as psicologias se pluralizaram quando começaram a repensar seus métodos.

Nota-se que a medicina mental e, em certa medida, as psicologias recorreram aos mesmos ditames da ciência moderna que a medicina orgânica recorreu, e assim tentou decifrar a essência das doenças no agrupamento coerente dos sinais (Foucault, 2000). A estrutura conceitual da patologia orgânica foi utilizada pela medicina mental ao tentar se alinhar epistemológica e semiologicamente com a medicina de conformação orgânica. Na patologia mental, a doença seria alteração intrínseca da personalidade, desorganização interna de suas estruturas, desvio progressivo do seu desenvolvimento (Foucault, 2000).

Em medicina, a semiologia é uma disciplina que indica o meio e modo de se examinar um doente. Assim, para essa disciplina, os termos sinais e sintomas designam diferentes dados sobre o corpo humano que o examinador tem acesso por meio do método clínico. Na medicina, coube a Hipócrates sistematizar o método clínico por uma maneira racional de analisar as queixas relatadas pelos doentes, dando a anamnese e ao exame físico uma estruturação pouco diferente do que se faz hoje. Isso decorreu fundamentalmente da visão quetinha das doenças

consideradas por ele e seus discípulos, fenômenos naturais (Porto, 2014).

Porto (2014), estando próximo das estruturas conceituais das patologias orgânicas, coloca que os sinais e sintomas são dados clínicos que podem ser examinados e classificados como sinal de doença ou não, por meio do raciocínio clínico. Nota-se que em sua descrição sobre o sintoma, coloca este como sendo uma “sensação subjetiva anormal” e a sua definição de sinais corrobora com um discurso clínico objetivante e redutor.

Para a área médica, o sintoma é uma sensação subjetiva anormal percebida pelo paciente e não observada pelo examinador (inspeção, palpação, percussão e ausculta) como a dor, as náuseas, dormências, insônia e a má digestão. O sinal é um dado objetivo notado pelo paciente e observado pelo examinador por meio do método clínico ou de exames complementares como a tosse, o edema, a cianose, sangue na urina ou a condensação pulmonar na radiografia (Porto, 2014).

Com essa definição de sintoma e sinal apresentada por Porto (2014), podemos observar a importância do método clínico no exame das sensações e dados objetivos sobre o corpo. Destaca-se aqui, sobre uma dimensão desse olhar sobre o corpo, o qual, uma vez entendido como doente, se aproxima das estruturas conceituais classificadas como patológicas, ou não, por meio do raciocínio clínico.

Para abordar a ideia de uma semiologia na psicologia, é interessante dizer novamente que o evolucionismo marcou uma certa transformação na psicologia. Foucault (2010) afirma que a descoberta de sentido no final do século XIX veio com o tempo desligar a psicologia das hipóteses gerais pelas quais se explica o homem como parte do mundo natural.

Essa semiologia na psicologia estava atenta aos sintomas que podem ser comportamentos entendidos como disfuncionais, discursos tidos como desorganizados, as intenções que buscam fechar a abertura das possibilidades do sujeito, reduzindo-o a uma falta, a pressuposição de uma doença, ou em meios de tornar-se um comportamento funcional. No

pensamento biológico, o disfuncional — o patológico — é um fenômeno puramente negativo: éo acidental em oposição ao essencial, e é a desintegração em oposição à cooperação orgânica entre as partes componentes do todo (Figueiredo, 1991).

A condição de possibilidade para essa semiologia foi a psicologia que se construiu como uma área independente e insistiu demasiadamente em uma determinada ideia de clínica, tomando como modelo a medicina orgânica para atingir seus objetivos. Um dos fatores que levam as psicologias pretensiosamente científicas assumirem um olhar clínico sintomatológico para com seu objeto é o método que advém das ciências naturais.

Não se trata de tomar o sintoma/sinal na mesma definição conceitual da medicina, visto que de acordo com Foucault (2000) a patologia mental exige métodos de análise diferentes da patologia orgânica. Mas se trata de admitir que há algumas semelhanças entre a semiologia médica e a semiologia da psicologia no que tange ao seu modelo de análise (Foucault, 2000; 2010).

Como não fora possível atribuir os mesmos métodos e conceitos utilizados na medicina para o domínio psicológico, é necessário pormenorizar a relação entre a sintomatologia médica orgânica e mental para mostrar o traço em comum na construção de conhecimento do século XIX. Para Foucault (2000), a psicologia do século XIX incitava a descrição negativa de uma doença. A semiologia de cada uma das doenças sublinhava sobre as aptidões desaparecidas, enumerava as lembranças esquecidas das amnésias, pormenorizava os desdobramentos de personalidades.

Dessa maneira, suprimia as funções complexas, voluntárias e instáveis, e exaltava as funções simples, automáticas e estáveis. Seus procedimentos, métodos e conceitos muito se assemelham à medicina, que investigavam as condutas a partir dos sintomas apresentados. Desse modo, constituiu-se um tratado com descrições das formas da doença, fases de sua evolução e suas variantes, uma nosografia (Foucault, 2000).

Sobre o movimento da nosografia, Foucault argumenta:

O olhar dos nosógrafos, até o final do século XVIII, era um olhar de jardineiro; tratava-se de reconhecer, na variedade das aparências, a essência específica. No começo do XIX, outro modelo se impõe: o da operação química, que, isolando os elementos componentes, permite definir a composição, estabelecer pontos comuns, as semelhanças e as diferenças com os outros conjuntos, e fundar assim uma classificação que não se baseia mais em tipos específicos, mas em formas de relações (1977, p. 136).

Tanto na medicina orgânica como na medicina mental, há o mesmo método para distribuir os sintomas nos grupos patológicos e para definir as grandes entidades mórbidas (Foucault, 2000). Inicialmente, a medicina mental tentou, do mesmo modo que a orgânica, constituir uma sintomatologia na qual se correlaciona tal tipo de doença com tal tipo de manifestação. Nos exemplos de Foucault (2000, p. 9): “a alucinação auditiva, sintoma de uma estrutura delirante; a confusão mental, sinal de tal forma demente”.

Para o discurso clínico, as confissões alocadas em um ambiente de confidencialidade garantida¹² reduzem o ser da linguagem à estrutura da linguagem psiquiátrica, psicanalítica ou psicológica. As confissões não se tratam apenas de uma constatação sobre si mesmo. Para Calçado (2015), o sentido do termo confissão vai além de uma mera declaração, é uma forma de fazer com que aquele que fala seja o que fala. Desse modo, através da prática da confissão submete-se às implicações e penas determinadas por esse reconhecimento.

O trabalho de Foucault (1988) demonstra como a evolução da pastoral católica e do sacramento da confissão reforçou uma relação de poder que se exerce sobre aquele que se

¹² De acordo com os parâmetros do Conselho Federal de Psicologia (CFP) a quebra de sigilo é colocada como falta grave do(a) psicólogo(a) que cometer tal ato. A confidencialidade é prerrogativa no atendimento clínico psicológico individual, salvo exceções especificadas pelo Conselho.

confessa.

Para Foucault, a confissão é um dos principais modos de ligar os indivíduos à suas próprias verdades, ou seja, de dizer a verdade sobre si mesmo. Esse traço não é exclusivo ao cristianismo em sua realidade intra-institucional, deflagrado mais evidentemente na história do sacramento da penitência, mas percorre várias instituições constitutivas do sujeito moderno, tais como a justiça, a medicina e a psiquiatria (Calçado, 2015, p. 10).

A clínica psicológica junto ao intermédio de seu respectivo profissional atua por meio de um: “me fale sobre você e transformarei o que dizes em sintoma/sinal e lhe direi como psicólogo(a) o que você é de fato”. O psicólogo em uma condição de autoridade está autorizado em transformar a vida do sujeito em uma rede de sinais e sintomas.

Tanto no modelo sintomatológico da medicina como da psicologia, a estrutura da sintomatologia está nas relações. Para a psicologia esta relação está na prática clínica e laboratorial que evidenciam uma rede de sinais e sintomas examinados.

Não se deve esquecer que a psicologia “objetiva”, “positiva”, ou “científica” encontrou sua origem histórica e seu fundamento numa experiência patológica. Foi uma análise dos desdobramentos que ocasionou uma psicologia da personalidade; uma análise dos automatismos e do inconsciente que fundou uma psicologia da consciência; uma análise dos déficits que desencadeou uma psicologia de inteligência. (Foucault, 2000, p. 84)

O desejo da racionalidade do século XIX, que permeia o século XX e de algum modo até o presente momento do século XXI, foi de impor um modo de vida padronizado, que exclua ou extermine a diferença (Cunha, 2019). “O ideal de homem é aquele que se afasta de qualquer diferença e que se uniformiza nessa estranha metafísica do homem perfeitamente saudável, de

corpo e alma” (Cunha, 2019, p. 223). Para tanto, a ciência psiquiátrica e algumas psicologias se tornaram grandes ferramenta para alcançar esse objetivo.

A natureza teórica do conhecimento científico é um conhecimento causal que aspira à formulação de leis à luz de regularidades observadas, com vista a explicar o passado e o presente, e de prever o comportamento futuro dos fenômenos (Santos, 1988). É por meio dessa explicação e levando em conta uma possibilidade semi-dedutiva das relações causais, que é possível fazer previsões diante das regularidades e identificar “as fontes de variação” da conduta humana.

Além disso, o modo de pensar que se constitui como o modelo moderno de racionalidade hegemonicamente construído passou por perspectivas comuns perante a distinção sujeito/objeto. Diante disso, as psicologias científicas (aquelas que hora ou outra utilizaram dos métodos reconhecidos enquanto científicos, ou que almejavam esse estatuto) construíram a ideia de uma subjetividade da conduta humana, a qual em suas diferenças proporcionaram uma análise clínica do humano.

Com a ideia de que o fato psicológico não tem sentido se não estiver em relação a um futuro e a um passado, as psicologias começam a tomar o homem nas condutas nas quais se exprime, na consciência da história pessoal em que ele se constitui (Foucault 2010). Seja pelas condições orgânicas ou por condições subjetivas, para Cunha (2019), a doença é sempre a intensidade em relação ao estado normal do organismo.

A psicofísica, a qual marcou a psicologia como ciência da subjetividade (Canguilhem, 1973), e o evolucionismo, que permitiu a descoberta de sentido (Foucault, 2010), produziram efeitos na psicologia enquanto ciência. A psicologia da evolução, que descreve os sintomas como condutas arcaicas, situava a doença como uma virtualidade, ou seja, uma substância psicológica que poderia regredir ao seu estado anterior (Foucault, 2000).

Do ponto de vista de Cunha (2019), a ciência, ao distanciar o humano da sua animalidade

e encontrar sua verdade na razão, assume que o “louco” e o homem sadio não se diferem substancialmente. Assim, o doente mental por exemplo, uma vez diagnosticado poderia ser levado novamente ao encontro com a razão, à cura (Cunha, 2019).

Com a descoberta de sentido e sua possibilidade de significação, o ser humano com a psicologia enquanto um campo científico produziu um discurso de verdade não apenas sobre as condutas humanas, mas também sobre suas confissões. Na psicologia científica, a doença passa a ser “uma alteração funcional do sentimento” (Foucault, 2010, p. 140). A descoberta desentido parece ter realizado uma transformação no que se refere as metodologias adotadas, mas ainda assim, em suas fontes, há modelos que visam “a cura”, “tratamento” ou adaptação do humano em sua dimensão histórica. Essa possibilidade de cura permeia as práticas das psicologias até os dias atuais.

Nas palavras de Foucault (2010, p. 140):

O surgimento das significações na conduta humana se fez igualmente a partir da análise histórica. ‘O homem’, segundo Dilthey ‘não aprende o que ele é ruminando sobre si mesmo, ele o aprende pela história’. Ora, o que a história lhe ensina é que ele não é um elemento segmentar dos processos naturais, mas uma atividade espiritual cujas produções depositaram-se sucessivamente no tempo, como atos cristalizados, significações doravante silenciosas.

Assim, nota-se que algumas psicologias escapam de algum modo das determinações da natureza como na psicofísica, psicopatologia, psicofisiologia e psicometria, e começam a se pautar mais na justificação das contradições, como Foucault (2010) traz. Essas justificativas nas psicologias continuam permeadas pela ideia do que seria doença ou não, e sua possibilidade de cura.

Como Cunha (2019) afirma, a racionalidade moderna aspira abranger as ciências exatas

e humanas, os demais saberes, o agir e a arte. Contudo, esse modelo apresenta certa variedade interna, o que permitiu a extensão dessa racionalidade às ciências sociais emergentes no século XIX de modo que se construiu uma racionalidade científica e totalitária. Esta pretende se distinguir dos conhecimentos não-científicos potencialmente perturbadores: o senso comum e os estudos históricos, literários, filosóficos, etc., — estudos humanísticos ou das chamadas humanidades (Santos, 1987).

Em suma, as psicologias que antes eram permeadas pelas comprovações científicas no âmbito da física, da química, da matemática e da biologia, começaram no século XX a escapar de um modelo laboratorial. As questões clínicas, sejam elas educacionais ou psicopatológicas, produziram rupturas que possibilitam a perturbação de um cenário da clínica. Uma perturbação de um cenário da clínica enquanto ciência natural.

3 PSICOLOGIA ENTRE A CLÍNICA E A FICÇÃO

Toda a história da psicologia em sua sanha clínica está ligada com o esforço de concebê-la como ciência e muito próxima entre as ciências da natureza e a medicina. Contudo, é possível olhar essa história da psicologia por outros vieses que fazem ver a psicologia feita por outros saberes mais afeitos às artes e as artes presentes naquelas psicologias que se queriam mais afeitas às ciências.

O regime moderno-colonial que trabalha a psicologia em geral não é nem uma natureza ou uma ordem simbólica, mas uma epistemologia política do corpo, da conduta e da confissão. Como tal, é histórica e mutável. E essa episteme já está em crise desde o começo dos esforços para tornar a psicologia uma área de saber independente no campo científico.

A multiplicidade de abordagens teóricas, metodológicas e conceituais denotam, como Figueiredo (1991) e Santos (1987) colocam, uma crise permanente da psicologia ao lado das outras ciências humanas. Em seu caso devido, entre outros fatores, às múltiplas possibilidades das vertentes que se colocam, ora como científicas, ora como pretensamente científicas ou pretensiosamente anticientíficas. Devido à essa crise permanente, outros caminhos se fazem possíveis e é essa possibilidade que será trabalhada no presente capítulo.

Ressalta-se que hoje há psicologias que são atravessadas e produzidas pela crise entre as ciências naturais e as ciências sociais. Tentam produzir outros modos de construção e discurso, inclusive a presente pesquisa. Santos (1987) ressalta que a própria ideia de uma psicologia moderna como um todo surge diante dessa crise. Nesse movimento, a psicologia, à medida em que tenta reconhecer o seu objeto de estudo, também o desconhece devido a tentativa de se legitimar enquanto ciência.

Em resumo, duas dimensões irão habitar este capítulo. Na primeira parte, a ideia é fazer ver a presença da ética da ficção na constituição da psicologia moderno científica. Na segunda parte, colocar a ficção como forma de compreensão-produção do mundo, mais especificamente

da clínica, de modo que há a radicalização da postura de ficcionalização como um modo ético-estético-político de composição.

Para tanto, a ficção aparece como um novo elemento tensionando a psicologia e a clínica. Com Saer (1997/2012, p. 321) entende-se que a ficção submerge na turbulência da suposta realidade objetiva, “desdenhando a atitude ingênua que consiste em pretender saber de antemão como essa realidade se conforma” multiplica-se ao infinito as possibilidades de tratamento.

3.1 UM PULSAR QUE ESCAPA ÀS NORMAS PRESCRITAS DA CLÍNICA

A narrativa exposta da psicologia não nos parece satisfatória por uma série de motivos e, por isso, a ficcionalização da própria história da psicologia se faz necessária. Esses motivos abarcam os esforços de algumas narrativas da psicologia em sua pretensão científica em não serem perturbadas pelo senso comum, estudos históricos, literários, filosóficos, ou até mesmo pelo encontro com o outro.

Esforço esse em vão pois, como iremos colocar a seguir, o esforço de tornar a psicologia uma ciência já é uma obra de ficção no que se refere a uma operação que exige um modo de pensar e certos métodos como regra, naturalizando tal modo como uma verdade. Esse modo de pensar peculiar como regra e que não tem a ver prontamente com a realidade, é de algum modo insuficiente pela sorte de ficcionalização não assumida. Saer argumenta que a negação do elemento fictício não é um critério para dizer que algo seja verdade, “visto que o próprio conceito de verdade é incerto e sua definição integra elementos díspares e até contraditórios” (1997/2012, p. 2).

Em outros termos, a ficção também se compromete de algum modo com o real, com a possibilidade infinita de uma produção de narrativa sobre o real, um real que vai para outras dimensões além dos objetos naturais e principalmente físicos. Assim, aqui serão abordados dois

modos de se fazer ver a presença da ética da ficção na psicologia: dobrar a história feita da psicologia, entendendo que até as ciências mais duras precisam ficcionalizar; e o próprio espaço da clínica com encontros de narrativas produz ficcionalizações que escapam a normas da psicologia moderna científica.

Como a narrativa da psicologia científica não nos convenceu, nós apresentaremos como, radicalmente, uma alternativa para pensar sobre a construção do olhar clínico na psicologia. Esta proposta aqui presente, é apenas uma das alternativas que também tem suas vantagens e limites diante da narrativa hegemonicamente construída que apresentamos de algum modo no capítulo anterior. Contudo, admite-se que essa mesma narrativa construída pelos autores que visitamos e por nós nesse trabalho também possui fissuras que permitem dobrar a história já contada.

Os textos utilizados para compor o capítulo anterior, em sua maioria parecem não se preocupar com as dificuldades amplamente debatidas no campo das ciências humanas sobre os critérios interpretativos escolhidos e a intenção de veracidade ao contar uma história. Saer (1997/2012, p. 321) esclarece que

mesmo quando a intenção de veracidade ao contar uma história é sincera e os feitos narrados são rigorosamente exatos — o que nem sempre ocorre —, continua vigente o obstáculo da autenticidade das fontes, dos critérios interpretativos e das turbulências de sentido características de toda construção verbal.

A própria definição de uma história da psicologia é ensejada pelo olhar moderno que pretende, já de início, esquadrihar e separar os fazeres e saberes entre si: organizando quadros inteligibilizadores das diferentes categorias de fazer ou de saber que constituem, por sua vez, diferentes hierarquias moderno-coloniais entre tais fazeres e os saberes, entre cada fazer e cada saber.

Assim, a antiga máxima de que a psicologia possui um longo passado, mas uma curta

história ressoa aqui este intento de separar filosofia, literatura, música, dança, teatro, costumes, religiosidade, etc. Intento em separar em específico no presente caso, um conjunto de práticas aos quais tentamos denominar como psicologia.

Se a história contada até o momento é a da construção de uma psicologia nosográfica dos sinais e sintomas formalizados pela voz de uma autoridade científica que se quer neutra e universal, essa história foi narrada por meio das operações narrativas próprias da psicologia moderna, principalmente na primeira parte do primeiro capítulo. Foi realizada uma nosografia da psicologia nosográfica, diagnósticos de uma psicologia diagnóstica.

Assim, não se trata de uma negação da realidade do diagnóstico, mas sim de uma questão ético-estética clínico-política: o que pode o diagnóstico? O diagnóstico produz o mundo. Mas que mundo produz? Para isso será necessário dobrar a história feita e deslocar a nosografia da psicologia nosográfica para uma ficção-poética da psicologia ficcional-poética.

Um dos principais elementos desta retórica própria da psicologia nosográfica moderno colonial e clínica é a oposição normal-patológico e a hierarquização moral dos seres. Como discorre Foucault (1977), a clínica e seu modelo naturalista de operação dos sintomas, que em parte a medicina se submetera no século XVIII, continua ativo.

Para se contrapor ao modo de narrar a história da psicologia como sintomatológica, nosográfica e clínica científica, criamos janelas durante o texto para trazer situações ocorridas na clínica psicológica como uma “ilustração estética”. Estas, aparecem com o intuito de possibilitar um campo sensível aos conceitos que trabalhamos durante a narrativa. Assim, apresentamos outro modo de operar na psicologia, que passa pela ficcionalização, pela poética da existência.

A janela a seguir mostrará um outro modo de narrar e operar conceitos, principalmente sobre as operações psicológicas que tentam organizar aquilo que conflita, dominar as contradições e produzir análises.

Capelão, espera!

A sala estava quente e o suor escorria pela sua camisa que fora escolhida com todo cuidado para ocasião. O Sol que passava pela janela queimava o rosto da recém-psicóloga na sala.

Ela esperava Fernando chegar, e quanto mais esperava, mais não sabia o que faria diante o encontro. O quente em seu rosto começou lhe atordoar e a espera de Fernando também. Os minutos se passavam devagar e o incomodo da espera aumentando.

Fernando não apareceu para contar sua versão sobre os fatos que lhe acusavam de assédio na instituição.

Fernando recusa as operações próprias da psicologia e da instituição que a utiliza como ferramenta. A psicóloga que nada sabia, está a serviço de dar respostas sobre o caso de assédio, para tanto precisa de Fernando falando. A recusa abre espaço para análises, mas nenhuma sobre a própria narrativa de Fernando.

A operação dos sintomas que totaliza, comparando os organismos, que rememora o funcionamento normal na divisão normal/patológico, operação que registra frequências da simultaneidade ou da sucessão, que escruta¹³ o corpo e descobre um invisível visível.

Mas Foucault (2010) também coloca que ao se esforçar para dominar as contradições do homem consigo mesmo por meio de uma psicologia do normal, do adaptativo, do organizado, as questões sobre sua faculdade de dominar as contradições que a fizeram surgir,

¹³ Quando Foucault, em o *Nascimento da Clínica*, comenta sobre escutar o corpo, faz referência ao ato de investigação em uma autópsia, esta alocada no contexto médico. Contudo, optou-se aqui para não trazer a palavra autópsia para ser possível o paralelo com a clínica psicológica que de algum modo escruta o corpo ouvindo “uma linguagem no momento em que percebe um espetáculo” (1977, p. 122).

produz perguntas sobre a efetividade das análises do anormal, do patológico e do conflituoso.

O problema da psicologia contemporânea — e que para ela própria é um problema de vida ou de morte — é saber em que medida ela consegue efetivamente dominar as contradições que a fizeram nascer, através desse abandono da objetividade naturalista, que parecesse ser sua outra característica maior. A essa pergunta, a própria história da psicologia deve responder (Foucault, 2010, p. 135).

Nessa tentativa de responder tal pergunta, ficcionaliza-se. Bem como mostra Costa (2014), quer sim ou quer não, as narrativas são — sejam elas da ciência moderna ou não — produções sobre o ser e precisam ficcionalizar para construir seus objetos por meio da escrita.

Nessa ideia, Saer (1997/2012) afirma:

Portanto, é possível afirmar que, implícita ou explicitamente, a noção de objeto está no centro de toda história ficcional. Esta presença constante assume muitas formas diferentes, mas na minha opinião a mais importante é aquela que diz respeito ao modo de ser da ficção narrativa, e poderíamos dizer: de toda a narração (pp. 11–12, tradução nossa)¹⁴.

De acordo com Saer (1997/2012), a noção de objeto está no centro de toda filosofia e toda ficção narrativa começa com a filosofia. Logo, na tentativa de construir seus objetos e responder a pergunta que deu vida a psicologia, mas que também pode a levar para a sua morte, precisou ficcionalizar.

Ao dizer isso, abrimos a possibilidade de fazer ver a ficção na constituição até mesmo nas narrativas das psicologias moderna científica. Além disso, ainda que em nossa tradição

¹⁴ Por lo tanto, es posible afirmar que, de manera implícita o explícita, la noción de objeto está en el centro de todo relato de ficción. Esa presencia constante asume muchas formas diferentes, pero a mi juicio la más importante es la que atañe al modo de ser de la ficción narrativa, y hasta podríamos decir: de toda narración.

ocidental seja comum a produção de saber junto ao uso de uma metodologia experimental e estatística, não se nega a produção de saber existente na literatura e nas artes em geral (Costa, 2014).

O estruturalismo, por exemplo, que marcou com seu método a psicologia behaviorista e psicanalítica em meados do século XX (Figueiredo, 1991), agrupa principalmente antropólogos, historiadores, etnólogos e linguistas. Para tanto, o fim desse século veio desafiar todos os saberes, misturando-os, separando-os, esvanecendo os limites para a investigação (Jacques et al., 2014).

Alguns fragmentos de pacientes de Witmer (já citado aqui como “primeiro psicólogo clínico”), Freud (com a psicanálise que produziu junto à medicina um modelo clínico) e Wundt (que para muito psicólogos aparece na qualidade de “pai da psicologia”), permeiam o exercício de atuação por meio da ficcionalização por esses autores ou pacientes.

Ainda que em uma psicanálise tradicional as interpretações são realizadas na positividade de sua lógica e a vontade de universalização, permitindo diagnósticos de um traço transgressivo na suposta escala do desenvolvimento psíquico ou cultural (Rolnik, 2000), a metodologia da psicanálise de Freud soma articulações entre filósofos, literatos, artistas, cientistas em um processo de ficcionalização sobre as narrativas de si.

Com os sujeitos da clínica, os personagens da vida cotidiana, as entidades estéticas, mitológicas ou religiosas, Freud produziu potentes seres no exercício de sua escrita por meio da observação, da narratividade, da interpretação, da teorização e da fantasia: Anna O., Emmy von N., o pequeno Hans, o Homem dos Lobos, o Homem dos Ratos, o presidente Schreber, Moisés — todas essas narrativas freudianas denotam o espaço singular e subjetivo do trabalho de criação. A literatura torna-se um imenso reservatório de material clínico, oferecendo sua matéria-prima — simbolizações, palavras, formas imaginárias, figuras de linguagem, escansões — às intuições clínicas em Freud. Assim, as filiações literárias marcam a elaboração da

psicanálise, a ponto de Freud elucidar a homologia entre o trabalho do sonho e a elaboração da obra de arte, atribuindo à obra um saber igual, embora elaborado diferentemente, sobre o inconsciente (Teixeira, 2005).

Wundt, para além de seu projeto de um laboratório de psicologia, dividiu a sua psicologia em experimental e social. Em sua psicologia social se aproximou de aspectos religiosos, artísticos, linguísticos e socioeconômicos (Farr, 2002). Interessante questionar se tal psicologia experimental eliminou de sua construção todo e qualquer elemento que a psicologia social conta e se aproxima.

Clifford Beers (1908/2010), paciente de Lightner Witmer, em 1900 foi internado em um hospital psiquiátrico e escreveu o livro *A Mind That Found Itself* (Uma Mente que Encontrou a Si Mesma) que alcançou popularidade e questionou sobre os tratamentos e técnicas utilizadas para as doenças mentais (Shultz & Shultz, 1999).

Depois de uma dessas caminhadas, feita no início da primavera, ela correu até meu informante e, com simplicidade infantil, contou-lhe a emoção de deleite que experimentou ao descobrir a primeira flor do ano em plena floração — um dente-de-leão, que, com sua audácia característica, havia arriscado sua vida enfrentando os elementos de uma estação incerta.

‘Você escolheu?’ perguntou o médico.

‘Eu me abaixei para fazer isso’, disse o paciente; ‘então pensei no prazer que a visão dele me proporcionou — então deixei-o, esperando que outra pessoa o descobrisse e desfrutasse de sua beleza como eu.’

Foi assim que uma mulher, embora ainda insana, inconscientemente exibiu sentimentos talvez mais sutis do que Ruskin, Tennyson e Patmore em uma ocasião cuja ocorrência é atestada pelo Sr. Julian Hawthorne. Esses três mestres, saindo para uma caminhada em uma tarde fria no final do outono, descobriram uma violeta tardia que brotava

corajosamente do abrigo de uma pedra com musgos (Beers, 1908/2010, sem p., tradução nossa)¹⁵.

Podemos pensar que Clifford Beers ao contar a cena de uma mulher que estava no hospital psiquiátrico produz uma narrativa diferente daquela já contada pela psicologia moderna científica. Produz novos questionamentos, novos olhares. Interpela aquele que lê, e interpela aquele que como autoridade, diz sobre o outro.

Contudo, para Preciado (2019), recorrer aos textos psicanalíticos de Freud e Lacan, por exemplo, como se estes tivessem um valor universal, não os situando historicamente, é absurdo. Pois hoje, os corpos que falam produzem um saber sobre eles mesmos, operando uma transformação crucial.

Transformação operada por Mateus Aleleuia (2017) ao escrever e cantar a música *Fogueira Doce*. Freud não é convocado para explicar suas feridas. Segue a letra da música que fala por si mesma diante a multidão que a compõe, empregando-a aqui a fim de problematizar as estratégias de escuta moderno-coloniais:

Fogueira doce
Sol madrugando
É Luanda e basta
Beleza divinal
Maravilha
É o sol se pondo
É Luana e basta

¹⁵ After one of these walks, taken in the early spring, she rushed up to my informant and, with childlike simplicity, told him of the thrill of delight she had experienced in discovering the first flower of the year in full bloom—a dandelion, which, with characteristic audacity, had risked its life by braving the elements of an uncertain season.

“Did you pick it?” asked the doctor.

“I stooped to do so,” said the patient; “then I thought of the pleasure the sight of it had given me—so I left it, hoping that someone else would discover it and enjoy its beauty as I did.”

Thus it was that a woman, while still insane, unconsciously exhibited perhaps finer feeling than did Ruskin, Tennyson, and Patmore on an occasion the occurrence of which is vouched for by Mr. Julian Hawthorne. These three masters, out for a walk one chilly afternoon in late autumn, discovered a belated violet bravely putting forth from the shelter of a mossy stone.

Beleza sem igual

É nesse Shangri-La dourado
 Que sonho já de outras vidas
 Sereia nesse mar de sonhos
 Bailando em ritos coloridos
 Luanda, mistério
 Resgatou-me a vida

Quando eu vim pra esse mundo
 Eu mostrei minha cara
 Sem marcar bobeira
 Cantei o meu canto
 E fiquei por cá
 Coisa castiça
 Coisa tão bonita
 Coisa tão faceira
 Cantei o meu canto
 E vi Luanda

Meiguice crioula
 Crioula meiguice
 É só rosa e basta
 Nasci pra lhe amar
 Convivi bonito
 Com minha esquisitice
 É só rosa e basta
 Nasci pra lhe adorar

Eu que vinha de outras terras
 Tratando das minhas feridas
 Trazidas de uma vida aflita
 Meus traumas Freud não explica
 Eu encontrei a rosa
 E me tornei roseiro

No espaço da clínica o paciente/cliente que fala não é a sede ou autoridade sobre si mesmo. A autoridade vem do psicólogo(a). A verdade sobre o que se fala é atestada e garantida não por quem fala, mas por quem interpela, como senhor do diagnóstico e do tratamento. Para Foucault (1977), a clínica era uma relação universal da Humanidade consigo mesma onde cada indivíduo é ao mesmo tempo sujeito e objeto. Com o estabelecimento de um saber, houve uma decadência. “E a decadência começou quando foram inaugurados a escrita e o segredo, isto é, a repartição deste saber com um grupo privilegiado e a dissociação da relação imediata,

sem obstáculos ou limites entre Olhar e Palavra” (Foucault, 1977, pp. 60–61).

Desse modo, o saber dissociado da relação imediata e limitado a um grupo privilegiado compôs a clínica. A autoridade que dispõe a verdade ao paciente/cliente que procura a clínica psicológica são os profissionais da psicologia, que como um grupo privilegiado apresentará sua verdade já adquirida e a colocará para quem procura seus serviços.

Foucault ressalta que “a clínica não é um instrumento para descobrir uma verdade ainda desconhecida; é uma determinada maneira de dispor a verdade já adquirida e de apresentá-la para que ela se desvele sistematicamente” (1977, p. 66).

O encontro entre Remédios e a psicóloga que será contado a seguir, ilustra essa clínica e suas possibilidades de rupturas operadas no cotidiano. A verdade adquirida em seus cinco anos de graduação não foi suficiente para conferir certezas sobre a apresentação diagnóstica de Remédios.

Cadê o Sol?

Com a pressuposição da segurança que o diploma de psicóloga lhe conferia e atestava, andou com passos firmes para a sala que esperava os que lhe procuravam para uma conversa, um diagnóstico, uma orientação, ou por curiosidade. Ela sentia a brisa serena dos campos que de noite exalavam o cheiro da grama. Sempre ventava muito nesse período da noite.

Por ser janeiro, período de férias, os únicos que passeavam pelos corredores eram os seguranças e os cachorros que os acompanhavam. A psicóloga entrou na sala e esperou, espreitou por entre a porta e nada havia além dos ventos. Um medo lhe acometeu com o silêncio que permanecia. Ela sentou e pegou sua agenda para organizar sua

semana.

O barulho da porta rangendo anuncia que alguém estava entrando, ao olhar era uma jovem que andava até ela, parecendo fazer um esforço para realizar o menor movimento possível ao andar. Caminhava rápido em sua direção até o fundo da sala, forçando um sorriso entre aberto. Sentou na cadeira que estava à frente da psicóloga sem dizer nada, com a feição estática e uma mochila que abraçava.

Remédios respondia sem nenhuma hesitação seu nome, sobre seu ódio para com todos os seres humanos, e a vontade de matar os que lhe importunavam, principalmente sua mãe. Ali não se havia o parricídio de Édipo.

A violência que a narrativa dada entreato interpela Remédios, mas também a psicóloga e tudo que já havia construído como um típico atendimento clínico. O medo lhe acometeu com um frio na barriga e na ponta dos dedos dos pés. Os pensamentos foram até a bolsa de Remédios, que falava sem perceber o corpo tenso da psicóloga. A psicóloga estava com medo. Seus pensamentos iam de “Havia uma faca na bolsa de Remédios?” até “Seu ódio por seres humanos a levaria a um ato ali na sala?”. Nada se sabia do que poderia acontecer. Tanto Remédios como a psicóloga não sabiam o que poderia acontecer ali para além de seus próprios esforços para conter as expressões que acometiam seus corpos diante pressuposições

psicopatológicas da psicóloga para com Remédios.

Depois daquele dia, Remédios como narradora de si comparecia assiduamente toda semana para o atendimento psicológico. A psicóloga a cada encontro insistia em questionar: “há de ser hoje que haverá um surto?”. Nunca aconteceu.

A história contada sobre a psicologia científica e a verdade adquirida pela psicologia são tencionadas pela própria clínica que anseiam. Quando a clínica aparece, ela é perturbada pelas questões clínicas, de modo que a psicologia precisou sair dos laboratórios. É no espaço da clínica que as ficções são contadas e um movimento de um “nós” é possível, o que produz tensionamentos diante da construção do “olhar clínico” diagnóstico.

Segundo Haüy (2015, p. 658),

os pronomes são palavras variáveis (em gênero, número e pessoa) que, em determinadas situações linguísticas, substituem nomes ou a eles se referem. Por indicarem, sem nomear ou conceituar, nomes de pessoas ou coisas, conceitos, fenômenos ou qualidades, a linguística os denomina signos dêiticos. Nesse sentido, os pronomes se opõem aos nomes, pois estes pressupõem um conjunto de propriedades definidoras do ser, e os pronomes têm uma significação ocasional, absolutamente dependente do contexto.

Nesse sentido, a escolha pelo pronome “nós” ocorre para se opor aos nomes que podem definir o ser, assim, o pronome pessoal reto “nós” tem uma significação ocasional ao longo da dissertação. Ainda de acordo com Haüy (2015), o plural “nós” não designa uma pluralidade de eus; significa eu mais outra ou outras pessoas. Em regra, esse pronome funciona como sujeito,

mas pode, também, exercer outras funções. Por isso, e justificadamente, é utilizado tal pronome para dar noção de uma multiplicidade entreato.

Como o poema "7" de Mário de Sá Carneiro (1996), musicado por Adriana Calcanhoto: “Eu não sou eu nem sou outro, sou qualquer coisa de intermédio”, o espaço da clínica se fissura no intermédio dos encontros e das falas, tensionando aquilo que a psicologia enquanto autoridade diz e aquilo que o outro que procura a psicologia, fala.

Aquele que fala de si, sempre o faz pela interpelação de outrem. Butler (2015) realiza uma discussão sobre o relatar a si mesmo, apontando que o “eu” é interpelado sempre por um “tu”, sem abandonar a ideia de um “nós”:

É preciso fazer pelo menos duas observações aqui. A primeira tem a ver com nossa dependência fundamental do outro, o fato de que não podemos existir sem interpelar o outro e sem sermos interpelados por ele, e que é impossível nos livrarmos da nossa sociabilidade fundamental, por mais que queiramos (p. 48).

Na clínica psicológica, pode-se pensar junto com Butler (2015) e Foucault (1977) que a verdade sobre o que se fala é atestada e garantida não por quem fala, mas por quem interpela, como senhor do diagnóstico e do tratamento. Mas também há um outro movimento, no qual o narrador de si (outrora chamado de paciente ou cliente) com suas queixas ou demandas interpela a psicóloga.

Desse modo, mais do que somente interpelar a psicóloga, há um fissurar na própria clínica que se pretende na psicologia moderno científica. Posto que se assume que o prognóstico e diagnóstico é já alguma interpretação, as narrativas no contexto clínico também podem ser pensadas como ficcionalizações, donde há uma inversão na relação de interpelação.

Contudo, apesar do ato de ficcionalizar ocorrer tanto no encontro com quem procura a clínica psicológica como na própria construção da psicologia científica, para Benjamin

(1986/1994), houve um processo de extinção da arte de narrar que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e dá uma nova beleza ao que está desaparecendo: as ações da experiência. Segundo o autor, “é como se nós estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 1986/1994, p. 198).

Para tanto, na próxima seção será abordado sobre a aposta em um contra-movimento desse processo de extinção da arte de narrar. Um contra movimento no sentido de fazer pensar outra psicologia, não mais calcada na pretensão da cientificidade, mas na performance artística e ficcional de si e do nós. Talvez o interessante aqui não é pensar a serventia da ficção para se fazer clínica psicológica, mas de pensar uma psicologia que toma a ficção como estratégia e usar a arte não como objeto de contemplação ou análise, mas como uma forma de ação.

3.2 A FICCIONALIZAÇÃO COMO UM MÉTODO CLÍNICO

Para iniciar a apresentação sobre a ficcionalização como um método, principalmente na clínica, é importante dizer que há múltiplos entendimentos do que pode ser definido como ficção. Duas possíveis definições perpassam pela ideia de que tudo é ficção e que a ficção radicaliza, desloca os regimes do que somos capazes de narrar. Pensar a ficcionalização como um método tende mais para a segunda ideia.

As narrativas criadas pela psicologia pretensiosamente científica, produziram um olhar clínico que tenta apagar o discurso vivo daquele que é seu alvo e produz realidades com sua linguagem nosográfica e nosológica. Com isso, a realidade falada e os discursos dizem e criam o mundo.

Esse olhar clínico que vê e descreve, também é um olhar que fala, e faz com que determinados eventos erijam como fenômenos observáveis. Como Foucault coloca:

Toda a dimensão da análise se desdobra ao nível de uma estética. Mas essa estética não

define apenas a forma originária de toda verdade; prescreve ao mesmo tempo, regras de exercício; e se torna em um segundo nível, estética no sentido em que ela prescreve as normas de uma arte (1977, p. 138).

Para tanto, as interrogações feitas pela investigação médica enunciam e fabricam a doença no ponto de encontro entre os gestos da pesquisa e o organismo doente (Foucault, 1977). Desse modo, não se trata de dizer sobre a realidade ou irreabilidade dos diagnósticos psicológicos, mas sim, de uma questão ético-estética clínico-política sobre o que se produz com tais enunciações.

Preciado (2019) destaca que a psicologia não é uma crítica desta epistemologia dominante, mas sim a terapia necessária para que o sujeito colonial continue funcionando. Diante tal afirmativa, como podemos tensionar as divisões entre “adequado e inadequado”, normal e patológico”, “regressivo e desenvolvido”, desde outras hermenêuticas do sujeito que sejam desobedientes às epistemes, éticas e ontologias moderno-coloniais?

Nosso impulso com a ética da ficção, é fazer um movimento de “indisciplina epistêmica”, produzindo rupturas com as sessões que dividem e hierarquizam saberes, fazendo arranjos onde fazeres e saberes de diferentes perspectivas se encontram em uma dinâmica transdisciplinar. A ficção quando tomada como estratégia ética, estética e política para problematizar as tecnologias de subjetivação, pode multiplicar ao infinito as possibilidades da clínica e da psicologia.

Estamos na tentativa de fazer aquilo que Preciado (2019) julga ser um dever: elaborar coletivamente uma epistemologia capaz de dar conta da multiplicidade de viventes. Dessa maneira, fazer parte de um processo de mudança desse paradigma científico e político moderno-colonial que conduzirão ao reconhecimento de todo um conjunto de corpos que são marcados como politicamente subalternos para sujeitos políticos soberanos em um processo de invenção

de outras subjetivações políticas.

Assim, ao invés de operar em uma lógica de síntese e análise, que divide o objeto para dele extrair suas idéias certas, apostamos nas complexas ligações que investem sujeito e objeto e transformam a ambos, uma vez que são traçadas outras conexões entre afetos e imagens (Fonseca, Costa, Moehlecke, Neves, 2010, p. 171).

Diante do espaço entre a ficção e a clínica produzido pela ciência, como pensar uma clínica da psicologia despida de tais pretensões de divisões moderno-coloniais? O que pode ser uma clínica fundada no modo próprio de operar das artes e da ficção? Retomando a ideia de diagnóstico do capítulo anterior que opera em uma lógica de síntese e análise, pode-se pensar que com a ficção é possível um outro tipo de diagnóstico.

Cunha (2019) faz um paralelo entre o discurso clínico e a obra de arte, a obra literária mais especificamente. Ele considera que as obras literárias são para o discurso clínico resultados da alma doente de seu autor. A obra literária seria um objeto de estudo para acessar as confissões patológicas do doente, a “obra como confissão patológica dada ao diagnóstico” (Cunha, 2019, p. 316). Desse modo, a obra seria tangível de uma análise para classificar o que o autor narra, em uma classificação diagnóstica.

A arte utilizada como objeto de contemplação ou análise psicopatológica das condutas isola o objeto para sua simplificação. Nesse sentido pode-se pensar que assim como uma obra, as confissões humanas também são analisadas pela psicologia contada no primeiro capítulo. Utilizar a literatura para uma sintomatologia médica, demonstra um ato de estar à serviço de um discurso que reduz a obra em realidade ou irreabilidade.

Trata-se aqui de realizar uma tentativa de assumir que é possível uma clínica que se construa como literatura. Ao invés de isolar o objeto para sua simplificação, assumiríamos a complexidade das relações e as potencialidades existentes nas variações singulares da

experiência sensível.

Podemos tomar o exemplo de Camus (2006), que empreende um trabalho de diagnóstico em seu livro *O Estrangeiro*. Em sua obra, a ficção é o diagnóstico de seu tempo que ocorre pela escrita. O diagnóstico desse modo, pode ser entendido como um instrumento de transformação epistêmica. Balbino (2015) corrobora com essa ideia dizendo que esse trabalho de diagnóstico literário deve ser entendido como um instrumento do pensamento para enfrentar o que lhe é intolerável em seu tempo (Balbino, 2015).

Diferentemente do discurso clínico semiológico da psicologia, Rancière afirma que “a própria literatura se constitui como uma determinada sintomatologia da sociedade e contrapõe essa sintomatologia aos gritos e ficções da cena pública” (2009, p. 49). Entretanto, essa sintomatologia da sociedade realizada por meio da literatura não se trata de trazer um discurso de verdade, mas de usar a arte como uma forma de ação.

Como Balbino (2015) afirma, a criação multiplica as perspectivas de olhar sobre o mundo e torna sua vida mais humana e singular — intenção de dar a sua própria vida um sentido estético, ético e político. Então, ficções que pretendem uma transformação na intenção de criações estéticas, são instrumentos diagnósticos possíveis na clínica por meio das narrativas e da interpelação dessas como produções ficcionais.

Cabe dizer que a ética da ficção não se trata de dizer que tudo é ficção, mas que política, arte e os saberes constroem ficções de modo que seus enunciados fazem efeito no real. O’Leary declara:

Uma Ficção, no entanto, não está necessariamente fora da verdade. É possível que a ficção induza efeitos de verdade, assim como é possível que um discurso da verdade fabrique ou crie algo. Uma vez que a ficção não é definida em oposição à verdade, a declaração de Foucault não pode ser lida como uma admissão de inexatidão histórica. É, antes, uma afirmação sobre o poder criativo ou produtivo do livro no contexto de um

momento histórico particular. Este livro, na verdade todos os seus livros, são ficções no sentido de que pretendem realizar, ou para a ficção, uma transformação. (2009, p. 87, tradução nossa) ¹⁶

Ao inscrever um certo paradigma ético-estético-político (aqui tomado pela ficção) no paradigma científico, investir no processo — diferindo de sistema e estrutura —, indicar transformações e suas reordenações de limites, valorizar os cruzamentos que são criadores de novas condições de produção dos saberes, e ao traçar os percursos dos arranjos construtores e organizadores dos regimes de verdade e de exclusão dela, experimenta-se o esgotamento do estruturalismo e seus universais, e o recrudescimento da vertente de pensamento que mais fortemente impregna o processo contemporâneo de construção dos saberes (Jacques et al., 2014). Nesse sentido, se opera a transformação.

Pensando em se operar a transformação, reordenando limites e valorizando os cruzamentos, a ideia de narrativa segundo Benjamin (1986/1994) pode ser usada aqui para se pensar as narrativas que ocorrem na clínica. A narrativa, para Benjamin (1986/1994), é em um certo sentido uma forma artesanal de comunicação, a qual o narrador imprime sua marca. As séries-narrativas são produções ficcionais, de modo que a palavra é tomada como ação e relação no mundo.

Ao invés de isolar o objeto para sua simplificação, se assume a complexidade das relações e as potencialidades existentes nas variações singulares da experiência. Então, o “modo de ser” forja-se em todas as narrativas. “E, mesmo que se proclame verdadeiro ou fictício,

¹⁶ A Fiction, however isn't necessarily outside of truth. It is possible for fiction to induce effects of truth, just as it is possible for a discourse of truth to fabricate, or to fiction, something. Since fiction is not defined in opposition to truth, therefore, Foucault's statement cannot be read as an admission of historical inaccuracy. It is, rather, a claim about the creative or productive power of the book in the context of a particular historical moment. This book, in fact all his books, are fictions in the sense that they aim to bring about, or to fiction, a transformation.

sempre terá tendência a se tornar uma espécie de construção sensível” (Saer, 1997, p. 19, tradução nossa)¹⁷.

Essa construção sensível é aludida por Rancière (2009), o qual afirma que escrever a história, escrever histórias e talvez até contá-las, pertencem a um mesmo regime de verdade. Isso não tem a ver com a tese de realidade ou irrealidade, mas sobre o modelo de fabricação de histórias como destino comum pois os rearranjos realizados fazem efeito no real. Para tanto, as ficções são coordenação entre atos.

Eu sempre recupero, reconstruo e encarrego-me de ficcionalizar e fabular origens que não posso conhecer. Na construção da história, crio-me em novas formas, instituindo um ‘eu’ narrativo que se sobrepõe ao ‘eu’ cuja vida passada procuro contar. O ‘eu’ narrativo contribui efetivamente com a história toda vez que tenta falar, pois o ‘eu’ aparece de novo como perspectiva narrativa, e essa contribuição não pode ser totalmente narrada no momento em que fornece a âncora de perspectiva para a narração em questão (Butler, 2015, p. 55).

Na clínica, a pesquisa ocorre no encontro daquele que procura o atendimento psicológico e aquele que está ali, a espera de quem o procura. Entre atos, a ficcionalização pode ser uma estratégia de novos agenciamentos de complexificação da narrativa de si.

Ou seja,

O uso da ficção como estratégia agenciada à problematização de um campo de pesquisa nos permite a complexificação do ‘objeto’, dar densidade às suas virtualidades que não cabem nos limites postos por sua representação atual: ultrapassar a descrição estrita do

¹⁷ Y, aunque se proclame verídico o ficticio, siempre tendrá tendencia a constituirse como una especie de construcción sensible.

“dado” adentrando nos meandros fugidios dos acontecimentos e seu intrincado campo de possibilidades. Deslocar a busca de representar aos objetos formalizando-os com palavras que se querem vazias de sentido próprio: apenas apresentariam o objeto pela língua neutra e objetiva (Costa, 2014, p. 558).

De acordo com Costa (2014), o uso da ficção como estratégia agenciada à problematização de uma pesquisa nos permite a complexificação do “objeto” sem negar sua “entidade”, mas ainda compreendendo que este objeto, mais do que substâncias, são relações. Desse modo, ao não estar no campo do dado, opta-se por estar no campo da criação. Se pensarmos novamente na literatura como poética de criações estéticas,

Desvencilhar-se dos preceitos da escrita que buscam a neutralidade-objetividade e tomar a poética como estratégia, é assumir a materialidade da palavra, a concretude ativa da experiência da escrita e permitir que as sutis virtualidades das preensões contagiem a escrita, sem as pretensões cartesianas de negar às aparências em prol de essências pressupostas (Costa, 2014, p. 558).

Há um sentido etimológico para a palavra poética, do grego *poiésis*, aplicável às artes em geral ao sentido de ficcionalização e de construção (de mundo). A poética como estratégia na clínica pode expandir novas possibilidades e construir outros mundos modificando as relações.

Segundo Dewey, então, a intensidade potencialmente explosiva da poética é capaz de nos libertar das restrições e barreiras que restringem nossa experiência do mundo. E, da mesma forma, possibilita a expansão de nós mesmos, dando-nos os meios para incorporar mais dos conflitos e elementos opostos do nosso ser. Um poema poderia, portanto, funcionar em nossa experiência nos termos de Dewey, expandindo a nós

mesmos e nossa experiência no mundo, ou nos termos de Foucault, intervindo e modificando nossas formas de relação consigo mesmo e com os outros (O’Leary, 2009, tradução nossa).¹⁸

Podemos entender que como narrativa, a história contada não é de uma responsabilidade de quem a conta, mas sim um diagnóstico daquilo que é intolerável. Como diagnóstico, o passado pode ser contado na clínica de diversas maneiras e vezes, sempre dizendo a partir do presente. Aquele que narra, narra o presente.

Hoje mamãe morreu

— A casa não existe sozinha. Planta, meninas, meninos, bujão. Tudo é coisa só. É a voz de mamãe no celular, é minha voz lhe respondendo. É o cheiro da comida em Sergipe que nem presente está cá, no interior de São Paulo. Lata de lixo e cesto de fruta, tudo traz Sergipe até São Paulo. Não há início e não há fim: mas hoje, mamãe morreu.

— Morreu?

— Morre, todo dia, minha mãe. Ainda mais, morre-se Sergipe em mim. A roça que morava, o terreiro que ia escondido com mamãe de madrugada e que ela me jurava fazer segredo, se morre o ressentimento de minha mãe me mandar para São Paulo por ser vista como rapariga.

— E amanhã morrerá?

— Amanhã não sei dizer. Não existo sozinha, mas o que me lembrava a vida já se foi. Cada vão da casa pode continuara construir. Mas o que irá construir? Amanhã te conto.

¹⁸ According to Dewey, then, the potentially explosive intensity of the poetic is capable of liberating us from the constraints and barriers that narrow our experience of the world. And, similarly, it makes it possible for us to expand ourselves, by giving us the means to incorporate more of the conflicting and opposing elements of our being. A poem could, therefore, work in our experience by, in Dewey’s terms, expanding ourselves and our experience of the world, or in Foucault’s terms, by intervening in and modifying our forms of relation to self and others.

Em “Hoje mamãe morreu”, a narradora que conta para a psicóloga sobre a morte de sua mãe imprime suas marcas em uma forma artesanal de comunicação. E nós que escrevemos tal narrar também imprimimos nossas marcas sem a pretensão de uma verdade objetiva da realidade. Desse modo, o campo da ficção se apresenta como território empírico de experimentação.

Contudo, a ficção não é uma reivindicação do falso. De acordo com Saer:

Mesmo aquelas ficções que incorporam o falso de um modo deliberado — fontes falsas, atribuições falsas, confusão de dados históricos com dados imaginários etc. —, o fazem não para confundir o leitor, mas para assinalar o caráter duplo da ficção que mistura, de uma forma inevitável, o empírico e o imaginário. (1997/2012, p. 322)

Aproximar o narrar na clínica e a ficção, avizinha-se os contares da clínica com o personagem Mersault, de Camus (2006). Assim como literatura, narra-se longe de analisar e contemplar. O “nós” que se encontra no espaço da clínica e fora dela pode produzir narrativas que amanhã não serão as mesmas de hoje. O “nós” é uma postura ético política, de modo que a subjetividade não é minha ou da pessoa que está procurando um profissional psicólogo, mas um processo de criação.

Para ser mais precisa, eu teria de dizer que posso contar a história de minha origem e posso recontá-la diversas vezes, de diversas maneiras. Mas a história que conto de minha origem não é uma história pela qual me responsabilizo, e ela não pode estabelecer minha responsabilização. Pelo menos esperamos que não, uma vez que, comumente sob o efeito do vinho, eu a conto de diversas maneiras, e nem sempre elas são consistentes uma com a outra. [...]. Qualquer uma delas é uma narrativa possível, mas de nenhuma delas posso dizer com certeza que seja a única verdadeira (Butler, 2015, pp. 52–53).

Com essa citação, pode-se pensar a ficcionalização como uma operação realizada por uma multidão de nós, entre os profissionais da psicologia e aqueles que os procuram. Pensar que aquele que fala se confunde com aquele que ouve nos meandros do espaço clínico, e que quando fala, pode contar e recontar criando seus diagnósticos da realidade. A cada contar, as interpelações realizadas naquele pequeno momento do encontro no espaço da clínica e todo afora das paredes que prometem o sigilo, é criada a possibilidade de contar de outras formas e produzir transformações éticas, estéticas e políticas.

A clínica psicológica também se tece em uma aliança com a racionalidade da colonialidade, organizada como tecnologias de produção do outro. Exercício clínico e repetitivo de localização e de reprodução de narrativas que se sustentam em viéses pretenciosamente interpretáveis. Clínica psicológica que opera em criar uma autoridade que se diz capaz de categorizar, dar sentido, hierarquizar as experiências de um outro nomeado como pequeno e por vezes, improvável.

Nessa perspectiva, o sujeito posicionado como referência do saber só se constitui assim, colocando o outro como subalterno. Talvez a diferença em se reivindicar um espaço para as narrativas clínicas como uma forma artesanal de comunicação e operar clinicamente através da ética-política da ficcionalização, seja a ruptura com o modelo moderno-colonial para contribuir com o processo de invenção de outras subjetivações políticas-clínicas.

4 CONCLUSÃO

As psicologias do século XIX surgem em um momento em que há a crise provocada diante dos paradigmas dominantes. Santos (1987) argumenta que dentre outras ciências, a psicologia se reconheceu mal nas distinções dicotômicas em que se fundamentou a ciência e desse modo, repensaram seus métodos perante as contradições da separação entre ciências naturais e ciências sociais. De acordo com Farr (2002), diante uma visão reducionista e simplista de dicotomia entre o individual e o social, coube a psicologia o estudo do indivíduo e à sociologia o estudo da sociedade.

Em meio a tal crise e não realizando esforços para reconhecer a psicologia em um lugar uno, este trabalho nasce. Contudo, entendemos que estar com a psicologia dominante não é um lugar interessante a ser reivindicado, visto que assim se perde o caráter subversivo e do olhar atento as singularidades.

Nesse sentido, a escrita da pesquisa perpassa pelo “nós” que se construiu durante o processo, talvez até como as linhas que criou o corpo-pesquisadora que passa pela instituição ciência e com a prática clínica foi possível gerar fissuras diante o instituído.

Aqui na conclusão, realizaremos uma reflexão sobre o método de pesquisa utilizado no percorrer da pesquisa. Bem como Agamben (2019) coloca, a reflexão sobre o método na prática das ciências humanas é posterior a essa prática, assim aqui, a decisão foi de colocar essa reflexão na conclusão.

“De algum modo, portanto, trata-se de pensamentos secundários, a serem discutidos entre amigos ou especialistas, e que só um longo hábito com a pesquisa pode legitimar” (Agamben, 2019, p. 7). Nesse sentido, a escrita da pesquisa perpassa pelo “nós” que se construiu durante o processo.

As linhas que criaram o corpo-pesquisadora passaram pela prática clínica tão presente nesses dois anos de mestrado. Prática que também produziu fissuras na pesquisa dita aqui como

teórica. Pensar a presente pesquisa em dois capítulos foi parte desse processo. Ao sentirmos ser necessário fazer um resgate histórico para entender os caminhos da psicologia para se tornar científica, acabamos por escrever no mesmo movimento do qual fazemos a crítica. Desse modo, no primeiro capítulo, na tentativa de realizar uma crítica à psicologia científica moderna, acabamos por cair nas dependências dessa própria ciência.

Portanto, pensamos que seria necessário no segundo capítulo realizar um segundo movimento, mais afeito ao contra-movimento do que foi realizado. Assim, a tentativa foi de realizar um *plot twist* da história contada no primeiro capítulo. A pretensão não é em regime substitutivo, mas como uma alternativa frente outros tantos possíveis, criando um outro espaço que tensiona a clínica da psicologia.

O primeiro capítulo tenta rabiscar traçados de forças que se desenham em conexão com processos coloniais e disciplinadores que fundam a psicologia. Desenho importante para se articular no segundo capítulo outras possibilidades na psicologia. Afirmar a ficção como possibilidade, mesmo que momentânea, de rupturas de modelos que tentam modular o sensível. Do ponto de vista metodológico e transpassado pelo rigor argumentativo, aqui não se busca uma verdade, mas a proliferação de possíveis alternativas para se pensar o passado e assim, criar um presente.

Contar a história da psicologia enquanto ciência e sua construção entre os séculos XIX e XX passou pela ideia de que a psicofisiologia, a psicopatologia e a psicofísica iniciam os estudos da psicologia como uma ciência natural imbricadas com a fisiologia que se tornou uma disciplina de orientação experimental em 1830. Na sanha por conquista de um lugar próprio na ciência, a psicologia se fez por critérios racionalistas e funcionalistas, vigentes à época positivista.

No século XX, as psicologias científicas mais afeitas aos modelos físico-químicos, modelo orgânico e modelo evolucionista realizam suas pesquisas sobre o sujeito tendo como

parâmetro o disfuncional, o desvio, e o patológico como negativo. Nesse mesmo sentido foi o projeto de uma clínica psicológica que se autorizou a falar sobre as diferenças individuais por meio de um discurso redutor e objetivante.

A construção de uma autoridade na psicologia foi legitimada pela sua prática, se justificando pelo uso da clínica. A clínica psicológica científica, herdeira de um movimento laboratorial, e a clínica do modelo psicopatológico reduziram o ser da linguagem à estrutura da linguagem psiquiátrica, psicanalítica ou psicológica.

Ao realizarmos um diagnóstico da psicologia do diagnóstico tentamos nomear aquilo que o campo da ciência moderna não nomeia. Tentamos nomear esse “nós” da psicologia que muitas vezes não se nomeia pois se quer neutra e universal. Ao se situar em um lugar ético-estético-político já se questiona em certa parte a autoridade de se falar da humanidade.

Contudo, essa ação de nomear é uma delimitação ficcional de um “nós”. Assim, adentramos no âmbito da ficção e no ato de ficcionalizar. Há dois movimentos expostos neste trabalho que produzem rupturas tanto na história da psicologia como no discurso clínico: a presença da ficção na constituição da psicologia moderno científica; e as confissões dentro do espaço clínico psicológico que, como narrativas, produzem tensionamentos sobre esse discurso clínico de autoridade sintomatológica.

Para além de fazer ver a ética ficcional em meio a história contada e em meio a prática clínica, a ficção é empregada como forma de compreensão-produção do mundo, de modo que há a radicalização da postura de ficcionalização como um modo ético-estético-político de composição. Por fim, com esse trabalho a ficção aparece como instrumento de rupturas de um modelo moderno-científico-colonial da psicologia e da construção clínica.

A ação de ficcionalizar ocorre nesta dissertação com as ilustrações de situações clínicas psicológicas colocadas em meio ao texto. Como criações estéticas para possibilitar um campo sensível, as narrativas expostas servem para dar corpo aos conceitos e discussões que

trabalhamos durante a pesquisa. Como não há como negar o sensível, tentamos não o modular e trazer nesse trabalho o processo complexo do encontro clínico.

Após realizarmos tal percurso e revisitá-lo, nos atentamos sobre as inúmeras possibilidades de se realizar essas discussões apresentadas aqui. Nesse recontar, notamos as fragilidades do trabalho no que se refere ao rigor discursivo e em algumas conexões, como por exemplo ao concatenar ideias e historicizar a psicologia, e ao empregar a ideia da ficção como instrumento de ruptura na clínica psicológica.

É sabido que a ficção por si só produz rupturas no modo de ver e se fazer o mundo, contudo, ao colocá-la no âmbito clínico, múltiplas maneiras de se entender a ficção e a ficcionalização na clínica são possíveis. Apesar de não termos apresentado as diferenças conceituais entre ficção e ficcionalização, nos parece que tal diferença se faz na ação, no ato. A ficção como forma de compreensão-produção do mundo e o ficcionalizar como forma que está por se fazer.

Com isso, finaliza-se o trabalho com mais perguntas do que quando se começou. Por ter um tempo definido para a conclusão deste trabalho em meio a uma pandemia, fica o desejo de continuar a produzir respostas sobre a ficcionalização na prática clínica da psicologia.

REFERÊNCIAS

- Aleluia, M. (2017). Fogueira Doce. In *Fogueira Doce* [CD]. Gravadora Maianga (2017).
- Agamben, G. (2019) *Signatura rerum: Sobre o método*. São Paulo: Boitempo.
- Araujo, S. F. (1971). *O projeto de uma psicologia científica em Wilhelm Wundt: Uma nova interpretação*. Juiz de Fora: Ed. UFJF.
- Balbino, L. P. (2015). “Uma arte de viver para um tempo de catástrofe”: Uma estética da existência em Albert Camus. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Beers, C. W. (1908/2010). A mind that found itself: An autobiography. Project Gutenberg.
- Benjamin, W. (1986/1994). Ensaio sobre a Literatura e História da Cultura. In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense. (Obras Escolhidas, v. 1, 7 ed.).
- Butler, J. (2015) *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. (R. Bettoni, Trad.) Belo Horizonte: Autêntica.
- Calçado, T. (2015). *A Carne se fez Verbo: Confissão Cristã e Sexualidade em Michel Foucault*. Tese (Doutorado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Camus, A. (2006). *O estrangeiro*. Rio de Janeiro: Record.
- Canguilhem, G. (1973). O que é a psicologia. *Tempo Brasileiro*, 30(31), 104–123.
- Costa, L. A. (2014). O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. *Fractal: Revista de Psicologia*, 26(4), 551–576.
- Cunha, R. P. P. (2019). *O artista em questão: O problema estético no pensamento psiquiátrico e filosófico dos séculos XIX e XX*. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba.
- Descartes, R. (1983). *Meditações*. (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural.
- Farr, R. M. (2002). *As raízes da psicologia social moderna (1872–1954)*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Figueiredo, C. (2001). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Abril.
- Figueiredo, L. C. M. (1991). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Figueiredo, L. C. M. (2007). *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação: 1500–1900*. 7 ed. São Paulo, SP: Escuta.

- Fonseca, T. M. G. (2012). Arquivo e Testemunho da Psicologia como Ciência e Profissão. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 32 (num. esp.), 18–27.
- Fonseca, T. M. G. (2017). O destino não pode esperar: apontamentos sobre a inelutável improrrogabilidade. *Revista Polis e Psique*. Porto Alegre, RS. Vol. 7, n. 1, p. 6–24.
- Fonseca, T. M. G., Costa, L. A., Moehlecke V. & Neves, J. M. (2010). O delírio como método: a poética desmedida das singularidades. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, Ano 10, n.1, p. 169–189.
- Fonseca, T. M. G.; Kirst, P.G. (2004). “O desejo de mundo: um olhar sobre a clínica”. *Psicologia & Sociedade*; 16 (3): 29–34.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade: A vontade de saber*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1977). *O nascimento da clínica*. (R. Machado, Trad.). Rio de Janeiro: Forense-universitária.
- Foucault, M. (2000). *Doença mental e psicologia*. 6 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Foucault, M. (2010). A Psicologia de 1850 a 1950. In M. Foucault, *Problematizações do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Freud, S. (2010). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gilgen, A. R. (1975). *Psicologia científica contemporânea* (H. G. O. Graeff, Trad.). São Paulo: EPU.
- Hauy, A. B. (2015). *Gramática da Língua Portuguesa Padrão: Com Comentários e Exemplários – Redigida Conforme o Novo Acordo Ortográfico*. 1 ed. 1 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Jacques, M. D. G. C., Strey, M. N., Bernardes, N. M. G., Guareschi, P. A., Carlos, S. A., & Fonseca, T. M. G. (Eds.). (2014). *Psicologia social contemporânea: livro-texto*. Porto Alegre: Editora Vozes Limitada.
- Jaeger, R. L. (2015). *Visagens e paisagens dos aprisionamentos no contemporâneo*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Kristeva, J. (1994). *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Marx, M. H., & Hillix, W. A. (1995). *Sistemas e teorias em psicologia*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Nalli, M. (2007). Foucault: O historiador dos sistemas de pensamento. *Leituras da História*, v. 4, p. 72–78.

- O’Leary, T. (2009). *Foucault and Fiction: The Experience Book*. New York: Continuum International Publishing Group.
- Porto, C. C. (2014). *Semiologia médica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Preciado, P. B. (2019, nov. 17). *Jornada nº 49 da Escola da Causa Freudiana (École de la Cause Freudienne) Mulheres em Psicanálise* (C. Kushnir, A. Santos, Trad). [Video]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=UEkaKjUG7fY>.
- Rancière, J. (2009). *A Partilha do Sensível: estética e política*; (M. Costa Netto, Trad). São Paulo: EXO Experimental org.; Editora 34.
- Rolnik, S. (2000). Esquizoanálise e Antropofagia. In E. Allez (Org.), *Gilles Deleuze: Uma vida filosófica* (pp. 451–462). São Paulo: Editora 34.
- Sá-Carneiro, M. (1996). *Poemas completos* (Vol. 33). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Saer, J. J. (1999). *La narración-objeto*. Buenos Aires: Seix Barral.
- Saer, J. J. (1997/2012). O conceito de ficção. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 9.
- Santos, B. S. (1987). *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 1988.
- Schultz, D. P., & Schultz, Sydney E. (1999). *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cultrix.
- Teixeira, L. C. (2005). O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. *Psychê*, 9(16), 115–132. Recuperado em 19 de dezembro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200008&lng=pt&tlng=pt.
- Wertheimer, M. (1972). *Pequena história da psicologia*; (L. L. Oliveira, Trad.) São Paulo: Editora Nacional. Iniciação científica, v. 34.
- Zourabichvili, F. (2016). *Deleuze: Uma filosofia do acontecimento*. São Paulo: Editora 34.